

Salomão Rovedo

Diários do Facebook



Conversas com Quincas Oliveira

**Rio de Janeiro
2014**

Conversa vai, conversa vem

Quando entrei no facebook logo vi que ali não era meu quintal, estava mais perdido do que um paraibano no Himalaia, não era eem definitivo a minha praia! Me vi diante de uma explosão de coisas e com o espaço diminuto para – atendendo pedido do editor – dizer o que eu estava pensando naquele momento. Sou de vastas palavras quando escrevo e quando converso. Não me basta uma ave-maria, senão um terço inteiro ou até mesmo uma novena.

Mas para não ficar em silêncio, nem para entrar na moda que varre o facebook, que é de repetir frases de gente importante, resolvi libertar o verbo, mesmo naquele curralzinho. Assim foi, inclusive tentando estimular a todos que fizessem o mesmo, em vez de copiar o dicionário de frases feitas. E foi justo o Quincas Oliveira – que participa desta coletânea numa segunda etapa (a que dei o nome “Conversas com Quincas Oliveira”) – quem me estimulou a juntar tudo num volume só.

Pois aqui está.

Essa segunda parte, “Conversas com Quincas Oliveira”, é publicada só a parte de ida dos inúmeros e-mails que trocamos, e se a parte de volta não está aqui ou porque era lacônica demais ou porque nem mesmo existia – já que muitos temas nem carecem de resposta, era só como quem diz: fique sabendo, ou: pra seu conhecimento.

Mas o Quincas Oliveira tem um espaço de crônica semanal que sai no Estado do Maranhão com o pseudônimo de Joaquim Itapary – nome famoso já com assento perpétuo na Academia Maranhense de Letras e outras entidades de igual importância e gabarito.

O douto Quincas Oliveira há de perdoar o atrevimento deste escriba, que botou em volume, sem autorização, correspondência às vezes de fôro íntimo, mas a temática pode interessar a algum leitor que busque um detalhezinho qualquer para completar-lhe uma ideia ou um escrito, quem sabe, poderá aqui encontrará conforto.

Pois para isso estão as palavras amontoadas em textos, vagando pelo mundo afora.

Rio de Janeiro, Cachambi, 6 de fevereiro de 2014.

Salomão Rovedo

1.

DIÁRIOS DO FACEBOOK

2.

**CONVERSAS COM QUINCAS
OLIVEIRA**

**Rio de Janeiro
2014**

Diários do facebook



Nuvens.

A minha vida está negra. Meu dia está nublado. Por quê? Oras, oras, são as nuvens cor de chumbo, que vêm descendo sobre o morro como lagartixas, escorregadias, soturnas – igual àqueles filmes ingleses, de terror, sabe? Esses dias deixam a gente com um terrorzinho tal e qual as cenas de pânico do Hitchcock. Enfim, nuvens quase negras, vento frio, garoa, uivos que as frestas das janelas emitem, arre! Lembra o meu avô que em dias assim sentava-se ao bancorete na varanda, prostrado de tanta desolação, acendia um cigarro atrás do outro, jogando a fumaça para o alto, a bagana para outro, até virar nuvem também. Bem diferente do tempo ensolarado, céu azul, nuvens brancas que governavam o dia do velho. Nessa hora, para evitar que a fumaça do cigarro sujasse o céu, ele trocava o fumo por um copo de cachaça. Como sabia viver o meu avô! (06/09/2013)



De novo não!

A ditadura está de volta! A atitude do Estado ante as manifestações (que vieram para mudar) indica: a ditadura está de volta. A nossa pseudo-democracia pós governos militares, como eles, apoia a reação violenta das polícias. As medidas do Governo,

deputados e vereadores indicam – a ditadura está de volta! Tudo tem o amém das instituições, da Autoridade Federal, Estadual e Municipal. A imagem da violência de hoje de repente se mistura com documentários em preto e branco dos anos 1960! Vejam! São perfeitamente iguais, são exatamente as mesmas, são impecavelmente ditatoriais. A ditadura está de volta! Antes era Gás Lacrimogêneo, porrada de cassetete de madeira, bordoadas de espadas enferrujadas. Hoje é Spray de Pimenta, Bala de Borracha, Pistola de Choque Elétrico. Os dias de ditadura estão voltando com novos sabores. Preciso me preparar, atualizar o cardápio. Vou já-já ao camelódromo comprar a minha máscara. (07/07/2013)



O vidro que estilhaça...

Anarquista não é baderneiro. O anarquismo é uma forma de direito político, desconhece a direita e a esquerda, opta pela rebelião para expressar sua meta: o fim da sociedade hierárquica. Por isso toda insurgência contra o sistema, contra a opressão tem nome de anarquia. Aqui, as manifestações contra o Estado – corrupto, opressor, controlador, nazifascista – há de provocar sempre o ódio e a convulsão. Dentro da desordem está o quebra-pau, a arruaça, o vandalismo. Em tempos de corrupção deslavada a corja reconhece o corruptor na instituição que depreda. O ataque é ao lucro insaciável, à banca federal de jogos, ao abandono deliberado e institucional da saúde, da educação, da cidade e do cidadão – tudo que era marginal e criminoso hoje é institucional, governamental. Indivíduo, sociedade e liberdade – eis o fundamento do anarquismo. (08/09/2013)



Ítalos quase sempre.

A bailarina italiana Marietta Baderna chegou ao Rio de Janeiro, tinha 21 anos e prestígio. Logo Marietta trocou o *pas de deux* pela umbigada dançada pelas negras, atitude mal vista pela soçaite da época, que passou a discriminá-la. Maria se declarou antimonarquista e liderou greves contra empresários que não pagavam os empregados. Perdeu o apoio da imprensa (que em 1849 a recebeu com flores), dos teatros, dos próprios colegas. Para sobreviver virou dançarina de teatro de revista e quando ela saía de cena, o populacho exigia sua volta batendo pés, fazendo arruaça, quebra-quebra, gritando: Baderna! Baderna! Boa herança deixaram os rapazes do século XIX! (09/09/2013)



O sangue rebelde da juventude.

Clubes e Associações de Baderneiros vieram pra ficar. Não sou baderneiro e me falta tempo pra fazer o vestibular. No tempo da ditadura fiz treinamento no Calabouço, na Faculdade de Filosofia, no Largo do CACO, na Central do Brasil, no Largo de São Francisco, na Cinelândia – que não era só lugar de viado (ainda não existia gay). Mas fiz a minha inscrição e sou a favor de manifestantes mascarados. Por que ninguém fala da POLÍCIA MASCARADA? Andam com TOUCAS NINJAS pra lá e pra cá e nada. Passou na TV: na reconstituição do caso Amarildo tinha policial mascarado. Ora bolas! E dos DEPUTADOS MASCARADOS, ninguém fala? Protegidos pelo VOTO SECRETO evitam o repúdio e a rejeição do povo, né mesmo? (10/09/2013)



Tudo é arma química.

Aumentam as críticas sobre o uso de **Armas Químicas** nas guerras. O EUA usou esse mesmo argumento para invadir o Iraque, intervir na Argélia, Tunísia, Líbia, Iêmen – sempre e sempre o mundo árabe – em que Obama (Democrata) repete Bush (Republicano). Reportagens constataram o uso de **Armas Químicas** pelos rebeldes (armados por EUA/Israel), na Síria. O arauto das críticas (EUA) usou **Gás Mostarda** na Europa, jogou a **Bomba Atômica** no Japão e encheu o Vietnã de **Napalm**? Tudo isso é **Arma Química**. ATENÇÃO! Também é **Arma Química**: a **Bomba de Efeito Moral**, o **Gás Lacrimogêneo**, o **Spray de Pimenta** e outros temperos que nossa polícia usa contra os manifestantes. Fora as armas químicas! – aqui no Brasil também... (11/09/2013)



Velhice.

Lá vai Wilson na calçada coberta de folhas vermelhas de amendoeira, enferrujadas como seus joelhos. Vendo-o caminhar, ombros pesados, cabelos brancos, pele enrugada, vi que Wilson está velho, a amendoeira está velha, eu estou velho. Por que a gente custa admitir isso? É que a cabeça não envelhece. Mas os jovens começam a te chamar de Tio, no ônibus te oferecem lugar, te chamam de “coroa”. Quando alguém começa a gritar: Vovô! Vovô! A gente fica velho quando os amigos passam carregando o mundo nos ombros, joelhos dobrados, olhar distraído para tudo, sem vontade de dar um abraço. Ou quando se tem dúvida entre o Viagra, Cialis ou nenhum deles. Êita mundo doido! (13/09/2013)



Livros que mordem.

Zé Andrade Arte postou: “Creio que devemos ler só os livros que mordem e espicacam. Se o livro que lemos não nos desperta com uma porrada na cabeça, de que adianta lê-lo?” (Franz Kafka: carta a Oskar Pollak, 1904). Mas, ora bolas, aqui cabe bem o proverbial “Poema Enjoadinho” de Vinícius de Moraes: “Filhos... Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-lo?” – Então, livros, se não os ler, como sabê-los bons ou não, né? Ademais, levar porrada de livro na cabeça... não sei não... se for o *Ulisses* de James Joyce, mais que despertar, vai doer. Se for o *Atlas Klencke* então, vai matar! (14/09/2013)

Apêndice: Agora, olha só que beleza o poema do Vinícius de Moraes completo:

Poema enjoadinho

Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como os queremos!
Banho de mar
Diz que é um porrete...
Cônjuge voa
Transpõe o espaço
Engole água
Fica salgada
Se iodifica
Depois, que boa
Que morenaço
Que a esposa fica!
Resultado: filho.

E então começa
A aporrinhção:
Cocô está branco
Cocô está preto
Bebe amoníaco
Comeu botão.
Filhos? Filhos
Melhor não tê-los
Noites de insônia
Cãs prematuras
Prantos convulsos
Meu Deus, salvai-o!
Filhos são o demo
Melhor não tê-los...
Mas se não os temos
Como sabê-los?
Como saber
Que macieza
Nos seus cabelos
Que cheiro morno
Na sua carne
Que gosto doce
Na sua boca!
Chupam gilete
Bebem shampoo
Ateiam fogo
No quarteirão
Porém, que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!

Vinícius de Moraes - “Antologia Poética” (Editora do Autor - 1960)



Um certo Joaquim Barbosa.

Transmiti-las ao vivo deu alto Ibope às sessões do STF no julgamento do mensalão. Audiência puxada pela presença do Ministro Joaquim Barbosa, gigante no pleno, mas fisicamente abatido por infernal dor na coluna. O padecimento se agravou após o Ministro pronunciar as sentenças, pois, é certo, o nome dele foi parar na boca do sapo, nas encruzilhadas, nos Ebós, nos rogos e padês aos Exus. Quem imaginaria, porém, que todo aquele esforço iria esbarrar no voto agradecido dos Ministros nomeados por políticos? Não dá mais para assistir a TV Justiça sem sentir ignomínia, desonra, opróbrio – porque hoje o Brasil todo sabe que nem mesmo a Suprema Corte escapou aos tentáculos da corrupção que assola o país. (15/09/2013)



Carpe diem.

Deixar pra amanhã não é uma boa ideia na idade em que a gente tá virando criança de novo. Foi assim que perdi o mano mais velho, Antonio, de Mato Grosso do Sul. Ele mandou mensagem: “Quando você vem ver o teu irmão? Amanhã?” Foi mal, foi chato. Tivesse ido, ele não faria a inevitável viagem assim, sem combinar. Ninguém morre na minha presença: não permito! Hoje recebi a visita do outro irmão, Roberto (vide fotos), de Cuiabá. Faz dois anos que vinha deixando pra nos visitar amanhã... Trouxe pequi, mel de abelha, um abraço de irmão – que foi o mais gostoso. Queria que ficasse uma semana, mas passou só alguns minutos! Como castigo não deixei que cantasse as músicas que compõe – e porque desafina pra caralho! Boa viagem, mano! (15/09/2013)



Agruras de um vovô.

Calian se esqueceu de fazer o trabalho escolar. Um bicho feito com material reciclável – dizia o pedido. Correria geral pra consertar o esquecimento. Caixinhas de leite ao avesso, formas improvisadas, a cola acabou – vai grampo mesmo. Enfim, saiu o boi do Calian, conforme as fotos atestam. Trabalho cumprido, eis o boi do Calian em carne e osso – quer dizer, em caixa de leite e grampo! (21/09/2013)



O boi do Calian

A invasão cibernética.

Eu tô pensando: – Adianta a gente reclamar, reclamar, reclamar das mazelas do Brasil.. Pra quê? A gente faz protesto aqui e quem lê é o Barack Obama! Coitado! Ele já tá cheio de pobrema e vai ainda aturar os nossos? Ixe! Ele deve estar com a língua cansada de repetir: brazilian fuck-se, fuck-se, fuck-se! Desculpe-me facenauta, quando não respondo a uma chamada. É que enquanto faço outras coisas – escrever, por exemplo – o facebook continua rolando, rolando, rolando, rolando, rolando... Xau! (24/09/2013)

O milionário facebook.

A frase chave do Facebook é – O que VOCÊ está pensando? Mas não é isso o que ocorre. Entulham este espaço com frases dos outros, fotos dos outros, vídeos dos outros. Sei que os grandes homens disseram grandes coisas, mas, você que aqui é meu amigo, também é uma grande pessoa. Sei que você pensa com SUA própria cabeça! Tem SUAS próprias ideias, SUA própria arte. Não pratique autocensura, não se envergonhe de pensar o que pensa, seja LIVRE no dizer e no mostrar o que faz, com total LIBERDADE. E me mande, público ou particular, vou me ORGULHAR de ler o que você escreve, saber como e o quê você pensa! Será a felicidade suprema cada vez que ler um texto, ver uma foto, um vídeo sabendo que foi FEITO POR VOCÊ e está compartilhando comigo! (29/09/2013)



A indesejada e a desejada.

Afinal, pensando bem, ainda não tenho a mochila pronta para a grande viagem. Posto que até para a morte haja preparação, vou pendurar um bilhete no Facebook: AVISO: DONA MORTE, PASSE AMANHÃ. Depois vou sair de fininho, de esgueira, invisível – como quem não quer nada – debaixo do chuveiro intermitente vou pelas margens do sujo Rio Pimenta, cenário de mergulhos da infância ontem, vou andando até a praia do Olho D'água, ali descalço nas areias ásperas te encontro, te namoro na intimidade das ondas miúdas: bunda, seios, dunas – é teu corpo negro que amarei dizimado à beira da arrebentação, lençol de espuma sobre corpos exaustos, mas recomeçaremos, de novo, de novo, de novo... (01/10/2013)



Visceras e sentimentos.

Vejam só: os tupis consideram que os sentimentos – o amor, o ódio, a bondade, a maldade, a fé, a crença, a desilusão, etc. – residem não no coração, mas no fígado – Pia. É no fígado que está a saudade, tristeza, alegria, todas as emoções. Exemplos: Pia-rupi: de boa vontade, com todo o fígado; Pia-hi: dor no fígado, tristeza, desgraça; Pia-munjita: sentimental, com fé; Pia-katu: fígado bom, alegre, feliz. Também usamos expressões com o fígado: Ruim do fígado: mau humor, irritação; Comer o fígado: urubus comeram o fígado de Prometeu – castigo pior que a morte; Ficamos irritáveis, impacientes, impacientes e enredamo-nos em brigas por tudo e por nada: fica-se com “maus fígados”, surgem todas as dores; Desopilar o fígado: alegrar-se, estar feliz; a frase retrata a ideia de que rindo se desobstrui o fígado, livrando-o da bile, causa do mau humor. Outros creem que é no fígado que a nossa alma mora, que o fígado controla o sistema nervoso e influencia o pensamento. Fígado ou coração? Onde está nossa alma? Onde estão nossas emoções? (07/10/2013)



As leis de Salomão.

Olha só o que está circulando: “Sugestão interessante. Devido à lerdeza do judiciário, por falta de meritíssimos, a presidenta poderia criar o programa Mais Juizes! Contratar juizes estrangeiros, dispensados do exame da OAB, sabatinas e demais exames. E então distribuí-los em todas as varas para julgar os gastos da Copa, das Olimpíadas, os mensalões, o dinheiro na cueca, os altos salários dos Três Poderes, o desvio de verbas e demais desvios, inclusive do Rio São Francisco, a corrupção das licitações – toda a ladroagem, enfim, da qual o Executivo e o Legislativo nunca sabem nada. Seria ótimo ver o juiz chinês (que cobra a bala do fuzilamento) e árabe (que corta as mãos dos ladrões), atuarem

no país. Isso reduziria logo as pilhas de processos”. O que acha, não é uma danada de boa ideia? (09/10/2013)



Desculpas não pagam dívidas.

Os donos das organizações Globo divulgaram um ‘pedido de desculpas’ pelo Editorial de apoio ao golpe militar em 1964. Gesto inútil. Pra quê? Não é assim que funciona: um fato histórico não se desfaz como o café solúvel na água. Aposto que o ‘jornalista’ (como o negociante exigia ser chamado) Roberto Marinho – que era responsável pelos editoriais do jornal O Globo – de modo algum não assinaria esse ‘mea culpa’, porque tinha convicção do que fazia. Eis a palavra chave: convicção. Se você tem convicção, se você tem fé, jamais terá que pedir perdão pelo que perpetrou. Ademais, as organizações Globo vêm repetindo todos os dias, todas as horas, aquele mesmíssimo Editorial, que permeia a diretriz empresarial do grupo, seja com outras formas, outras ações, outras palavras. De outro modo, terá que pedir perdão aos jornais, rádios e tevês aos quais sabotou, dumpeou, imitou, perseguiu, praticando preços baixos, supertiragens, etc. etc. – até que os sabotados fechassem – na tentativa de ter O Globo como único jornal do Rio. A Tarde, A Notícia, Última Hora, Tribuna da Imprensa, O Dia, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, TV Rio, TV e Rádio Tupi, TV e Rádio Continental, Rádio Nacional, Rádio JB – para citar apenas alguns – direta ou indiretamente, sofreram com a forma desleal, de terra arrasada, com que as organizações Globo atuaram. Aê, vai pedir desculpas? (10/10/2013)



Frases, frases, frases.

Desconfio das frases feitas... Devora-me ou te decifro. Uma andorinha só não faz verão. Essas frases sempre nos deixam

intrigados. Ora, tudo não passa de clichê, pseudofilosofia. A Esfinge nada mais é que um templo de pedra que, se não fosse conservado, teria virado pó faz tempo. Por causa de Sófocles, a Esfinge se transformou no misterioso labirinto que enlouquece a mente humana. Tudo bobagem – esqueçam as frases feitas, não deixe que um pensamento alheio venha infernizar a sua vida. Agora mesmo daqui da janela vejo o sol nascer, após dias com céu enfarruscado, de noites frias, vento polar. Volteando bem na minha frente vai e vem uma andorinha solitária, singela, asas típicas, as penas da cauda em forma de tesoura. Não fosse minha presença, seria sim uma andorinha só fazendo verão. As frases feitas, mesmo de aparência positiva, são um estorvo. Viver é bom, é bonito, não é um enigma, não tem mistério. (12/10/2013)



A ilustração sem cores.

Tenho o volume “Leitura de escritor”, antologia organizada pela acadêmica Ana Maria Machado, com belas ilustrações de Thais Beltrame (pintora, ilustradora, artista plástica), editado pela editora Comboio de Corda (2009). As ilustrações são em preto e branco, exceto por um detalhe específico em vermelho rubro (se assim posso dizer), escolhido pela artista para dar vida ao tema. Outro um dia meu neto Calian, de sete anos, pegou o livro e se amarrou nas ilustrações. Mas logo veio a pergunta: - Vovô, por que os desenhos só têm uma parte vermelha? Tentei explicar que foi escolha da ‘desenhista’ fazer assim... Depois percebi que ele assimilou a explicação de maneira peculiar. Bom, só quero avisar à Thaís que Calian pegou todos os lápis de cores que tem e está ‘corrigindo’ todas as partes que ela deixou ‘em branco’! Quem sabe não está Calian se iniciando em sua bela carreira de ilustrador? (15/10/2013)





Calian, vovô, Yasmim



Como diz o ditado.

Volto ao passado. Um amigo me telefona. Precisa falar comigo urgente, sem falta. Nunca falto aos amigos e às mulheres. Pede pra encontrá-lo no Bar do Estrela. Vou lá, procuro, o próprio Estrela me informa que ele está na área, por ali, nalgum lugar. Lá está meu amigo sentado na calçada, no meio-fio. Chego e vejo que tem uma arma na mão entre as pernas, cabeça arriada, ombros curvados, um retrato nelsonrodriguiano. Uso a terapia do esporro: – Que foi? Que não foi? – Vou me matar, diz ele. – E por que? – Descobri que sou corno! – Ora, merda, é isso? Ele me olha espantado com o desdém que dou ao tema. – Eu já sou corno faz muito tempo e nunca me matei! Não sei por que disse essa merda, mas funcionou. Peguei a arma, tirei as balas (precaução nunca é pouco) e decretei: – Vamos ao Estrela beber uma cerveja gelada, brindar à vida! “Chifre não existe – é coisa que botaram na tua cabeça”. (29/10/2013)



O Rio de Janeiro continua lindo?

Quem avisa amigo é. O réveillon 2013/2014 no Rio de Janeiro está prometendo ser o mais caótico possível. Obras, obras, obras. Atalhos, vias expressas, novas linhas de metrô, melhoramento em

aeroportos e rodoviárias, prometidos para a Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, estão longe da realidade. Se o turista conseguir superar o estresse causado pelas obras não realizadas no Aeroporto Tom Jobim (Galeão) e quiser ir, por exemplo, para a Barra da Tijuca, terá de enfrentar engarrafamentos nas Linhas Vermelha e Amarela. Para ir para a Zona Sul (Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea e São Conrado), terá que comer muita poeira e trânsito caótico. Causa? As obras do Porto Maravilha, desmonte do Elevado da Perimetral, construção do túnel da Via Binária. Isto é apenas um trailer, que promete virar um thriller de horror. Quer saber? Melhor não vir. Lembre-se: Quem avisa amigo é! (01/11/2013)



Frio e mulher: combinação perfeita!

Tenho pavor de tempo frio. Meu pior pesadelo é aquele em que estou em terras nevadas – geralmente morro antes de acordar. Talvez seja por isso que o esperma que fez este bonitão que aqui escreve deixou para se materializar nos trópicos de Rio Tinto, beira rio, beira mar. senão, háveria de nascer parnanguara ou coritibano, donde tenho lindos parentes que, ao contrário d’eu, cagam e andam pro frio. Quando fui a Curitiba na primeira vez só consegui andar na Rua XV de Novembro pulando de loja em loja, de bar em bar, me aquecendo a custa de café preto, acrescido do bom conhaque George Aubert. Ali tem uma corrente de vento que parece vir por uma BRT que liga a Antártida a Curitiba! Essa natureza crespa, porém, cria suas próprias compensações: por causa desse frio congelador as mulheres curitibanas apresentam tal volume calórico, que não fica nada a dever à mais legítima caribenha! (02/11/2013)



Saudades do Neneco.

Agora nesta primavera carioca de 2013, alguém, alhures, do mar, da serra, assopra um ventinho lascado, impertinente, frio. Ah, quer saber, dane-se! Finjo que é primavera em país onde tem primavera. Vejo flores de jasmim, café, maracujá, macieira, cerejeira, lilás – quê mais? Mas nem tudo é frio no Paraná: em Paranaguá dá 40° no verão. O primo Neneco que, menino ainda, conhecia toda a rota marítima de lá – as ilhas, as rias, a baía – me acordava cedinho para, na lancha do tio Nélis (emprestada sem este saber), fugir para as águas mais límpidas e transparentes que já vi! Mergulhar, nadar o dia inteiro, voltar de noite, famintos, pra comer uma pizza de sardinha que me dava engulhos, mas que ele adorava. Neneco trazia a lancha com o cuidado que teria com uma Ferrari, rezando pro velho não descobrir. Só que tio Nélis media o nível de óleo, aí a vaca ia pro brejo com corda e tudo. Mas o sobrinho mais velho – eu – assumia que tinha pedido e tudo ficava em paz... (02/11/2013)



Hecho em Paraguay.

O brasileiro tem mania de desmerecer o Paraguai de país atrasado, humilhando os hermanos guaranis. Mas como se pode chamar um país atrasado, se ele fabrica e manufatura todos os produtos, de todos os países do mundo, do modo mais moderno possível – em lançamento simultâneo com a produção original? Todo artigo de marcas, grifes, cigarros, eletrônicos, a gente acha no Paraguai. Isso é país atrasado? Vou contar uma história. Um amigo meu, já falecido, fabricava ótimo uísque Cavalo Branco. O conjunto incluía: garrafa de Cavalo Branco, legítima, com datação e tudo; lacre de segurança; o cavalinho branco no gargalo; fundo convexo, litro com numeração interna! Mas o conteúdo não álcool misturado com iodo e outras porcarias, não: era uísque nacional. As caixas de cartão (numeradas na Escócia), com 12 litros, eram

despachadas aos fieis clientes. Jamais ele recebeu uma reclamação, uma devolução. E era tudo original – made in Paraguay! (05/11/2013)



Dia de mortos, dia de vivos.

Ontem, Dia de Finados, almocei com o primo Joaquim Itapary e Edna. Comemorávamos o nascimento, não a morte – porque também nasce gente no dia dos mortos. Na verdade Joaquim queria ir à Feira (dos paraíbas) de São Cristóvão, mas quando contei no caos que aquele lugar pretensamente cultural se transformou, ele desistiu. Ficamos lá mesmo onde ele se hospeda, no Leblon, que também está caótico devido às obras do metrô. Cemitérios caóticos, praias cheias, botecos idem, ora bolas, é realmente a invasão alienígena que Orson Welles imaginou, putzgrila! Vou-me embora pra Catende, pra Pasárgada, pra Cochinchina, pra Benares – qualquer lugar longínquo que chegue de trem, seja amigo do Rei, tenha mulher na rede, perdoado de todos os pecados. É pedir muito? Que seja! Primo Quincas, você que é cronista dos bons, prometa que vai fazer uma crônica pra mim, assim que esta alma pecaminosa aportar num desses lugares. (03/11/2013)



Férias nos lençóis.

Tô com saudade, aliás, morro de saudade. Não é de mulher, se fosse teria morrido tantas vezes! Minhas saudades são dos dias tranquilos, em Barreirinhas, nos Lençóis Maranhenses. Queria passar apenas uma semana, grana curta, fiquei um mês! Ao amigo Buna disse que eu tinha apenas R\$ 100,00 ele foi direto: – Dá! – Então, fui! Mal chegamos, Buna me levou ao calçadão da Rua Beira Rio, com os olhos brilhando, contaminados pela cor do

buritizal refletida no manso Rio das Preguiças. Cansados, empoeirados – resistir quem há de? – mergulhamos ali juntos com os meninos. Refeitos e alegres, atacamos umas tiquiras pra matar o bicho no bar do Minervino: tira-gosto de camarão frito, rodela de caju, pimenta-do-reino e sal. Lá adiante, na curva do rio, lavadeiras cantavam o bate-rede, clareando roupas com sabão de andiroba sobre as pedras lisas. Não dá pra perder a ocasião de gozar o milagre, as águas mansas, aquele rio enorme, prazer exclusivo, tudo dividido com crianças, aves, peixes. Nós e o rio, o rio e nós – nada mais. Isto é, tinha sim: aquele céu desnublado, profundo, azul sem mácula, como devem ser os olhos de Deus. (07/11/2013)



Papel sujo de tinta.

Dez anos sem ler O Globo, ganhei exemplares de sábado e domingo. Vejo que não perdi nada. E ainda condeno a política de terra arrasada que os donos do Globo praticaram contra a imprensa carioca e paulista. Por isso, não compro, não leio, não indico... Agora, faço a mesma triagem de dez anos: folheio-o de trás pra frente as cento e tantas páginas! Fica dez pra ler – sem garantia de boa leitura: os cadernos, Prosa, Segundo Caderno e Ela. Este Prosa celebra 100 anos de nascimento de Albert Camus. A capa inteira, além do cabeçalho, é ocupada por um Camus de Cássio Loredano e propaganda da Editora PUC. Na pg. 2 a foto de uma moça lendo Camus ocupa 1/3 do espaço, a metade da última página é gasta com outra foto gigante de Camus – assim vai. Muito desperdício de espaço, por que não cobri-los de texto? Fiquei puto quando vi que Joaquim Ferreira dos Santos não assina mais Gente Boa, no Segundo Caderno. O caderno Ela, por ser “literatura feminina”, continua legível com alegria, apesar da fama de sério. (04/11/2013)



Uma mulher sem igual.

Vê-la todo dia sorrindo aqui se pensa conhecer Lella (Antonella, para os menos íntimos). Essa alegria ela dá a todos, claro, semente original, estranha mistura de genes índio com alvura ítala, que num dia esquisito se amaram pra valer. Mas Lella tem num cantinho uma cadeira de espinhos – todos nós temos – onde, vez em quando, é obrigada a sentar. Dói um bocado. Presente, passado e futuro são elementos alquímicos unidos, parte da fórmula inusitada desse estranho xarope chamado vida. O riso espreado de hoje, repeteco de ontem, será o de amanhã. Conhecer Lella, amar Lella – coisa indivisível – mas quando a gente pensa que conhece, é mentira: falta o detalhe maior, está inédito. Um dia Lella teve que vir ao Rio, mas o babaca aqui só foi vê-la quando já estava de volta pra Curitiba. Levei Patrícia e Priscila, ficamos todos enfeitados por vocês sabem o quê e por quem. Querem saber mais? Convidem-na para ser amiga aqui na Face, aposto que Lella, dadinha como é, não recusará amizade a ninguém. (08/11/2013)



Se é pra escrever citações...

...Taí, vou citar: “Tudo na mulher é poesia e samba-canção. Os olhos são o espelho da alma, as mãos herdamos das fadas, o sorriso transporta ao paraíso, a voz é de anjo, a pele de rosas, o corpo de sereia, tudo com infinito poder de beleza e sedução. Mas na hora de falar em público sobre aquelas pequenas partes tão sensíveis e tão femininas da mulher, não há uma linguagem poética, gentil e sedutora que traduza o apreço que se tem por elas. A escolha é entre termos clássicos, tipo vulva e vagina, que soam feios e irreais, os nomes vulgares, aprendidos com pudor e excitação nos grafitos de banheiro, e os inocentes apelidos maternos como xota, xoxota, bimbina, bobó, pixu, pipi, xibiu, pixirica, xereca, prexeca, perereca, crica, periquita, pombinha, passarinha,

bacurinha, partes, países baixos, zona sul...” (Partes mimosas da natureza, do livro "Só para mulheres", de Sonia Hirsch) (07/11/2013)



Salomão Rovedo e Pepe Varela
Prêmio de Redução de Estoque de uísque, vinho e cerveja.

Provocando a censura.

Horário de verão: antes das seis horas o sol se salienta por trás do morro da Mangueira e desaba direto na cama. Hora de levantar, todo cuidado pra não despertar Anelka. A claridade ataca o corpo dela em cheio, destacando as partes íntimas. Se alguém duvida que Deus exista é ver cena igual. O clit um pouco proeminente, que ressalta o seu lado andrógino (parece o pinto de recém-nascido) brilha sob a luz. Os pêlos ralos, fios de ouro adolescentes, as penas esguias, os braços soltos, o corpo todo relaxa em sono. Anelka se mexe com o rumor enquanto me arrumo. Ao calor do sol abrem-se as pernas, expondo mais ainda ao olhar a beleza das partes íntimas (estranho modo de chamar a vagina). Tirei uma foto com o celular, mas não vou postar: como as biografias, tais fotos precisam de ok prévio! O Facebook censurou um poema de Hilda Hilst! – imagina as partes outrora íntimas de Anelka – não obstante ambos serem belos! Enquanto me arrumo, a beleza de Anelka levita, se move no ar, pênsil. Os lábios triscam – vagina

sorri? – acho que sim, tanto que me aproximo e enjaulo o riso brejeiro com um roço apenas. À saída, na porta, dou a última olhada – preciso mesmo ir trabalhar! (28/11/2013)



Espíritos videntes.

Recebi o folheto na rua, o anúncio: Espírita-vidente Dona Cilda, recém-chegada do Maranhão, aos sete anos de idade desvendou o passado, presente e futuro de toda a sua família, agora é minha vizinha, mudou-se pro Cachambi. Ainda não fui consultá-la porque – a essa altura – não quero ser orientado sobre problemas comerciais, particulares ou amorosos; não quero ninguém querido de volta; não quero recuperar um grande amor; não quero ganhar fortuna. Nunca fiz mal a uma mosca! – vou lá querer destruir malefícios, ciúmes, invejas que alguém cometeu? E setentão na idade terei tesão para alcançar êxitos, ter bom emprego, curar meus vícios – que custei a adquirir e tanto prezo? Não me cabe recuperar comércios falidos ou coisas tais. Se minha conterrânea, Dona Cilda, chegasse aqui há tempos, estaria na fila de consulentes. Mas agora fica como Deus quis – é bem melhor, né? Amores que não tive, livros que não li, mulheres que não amei – pra que mudar? Poderia ser um viver mais melhor? Nada! Este que carrego – jenipapo com açúcar – ruim mesmo não é, nem jamais foi nem jamais será. (29/11/2013)



Um mundo estranho.

No metrô sentei perto de um rapaz cuja opção sexual está protegida por lei. Isso mesmo, um viado. Bonito, educado, voz delicada, do mesmo timbre da vizinha de assento: eram duas moças conversando. Eis um tema para o qual me preparei. Sexualidade? Nunca vou discutir, tomar partido, criticar: mistério da vida, do

tempo do tataravô de Adão! Então pra que gastar tempo e neurônios? Homens que são mulheres, mulheres que imitam homens, com ∞ enigmas. Também não sou “politicamente correto” – não vou desmontar a fama de rebelde que a custo construí. Mas enquanto durou a viagem me coloquei numa posição de cobiça, sem humilhar as mulheres com a tese freudiana da “inveja do pênis”. Fico no popular: teria eu desejo de ser uma mulher bonita? Dona de peitos enormes e sensuais? E que tal eu ficaria com uma bunda igual à que ornamenta com louvor o corpo das negras e mulatas? E a bocona da Angelina Jolie, não é de dar tesão em qualquer um? Essas ambições até que dão certa compreensão ao desejo de ser outro (a). Mas, chegando em casa, o espelho mostra a realidade: que tesão dará uns pobres mamilos cercados de pêlos grisalhos, ou uma bunda murcha que já perdeu a elasticidade e nem pra assento serve mais? (02/12/2013)



Existe infância infeliz?

Uma amiga, que só leu meus textículos depois que implorei genuflecto a seus pés (ela nua, claro), concluiu que escrevo “só coisa ruim” porque tive uma infância difícil, infeliz. Minha infância foi normal, até onde me lembra. Fui à escola pública, mergulhei nos rios, joguei bola na rua, namorei, tomei banho de chuva, fui demais à praia, espiei meninas nuas, caminhei horas pra encontrar o paraíso, debaixo dos juçaraís, me masturbei, afundei de olhos abertos em nascentes límpidas e aos doze anos aprendi com a empregada de dezoito como se faz neném. Isso é infância difícil, infeliz? Se existe algo pra reclamar é que o velho João Rovedo educava à moda antiga – na chibata! Mas tive uma mãe capaz de botar o indicador no nariz dele e desafiar: – Bate! O velho recuava. Dona Mizika sabia a hora de abrir as pernas. Mais tarde, sendo pai, me vi no papel do vilão, a tempo de refletir: – Péraí, estou usando em meu filho o que meu pai fazia comigo? Preferi ganhar as causas pela ameaça, mais tarde na conversa e,

por fim, com o silêncio, o abraço, o sorriso, a cumplicidade. Ainda bem, senão em vez de filhos teria inimigos. (03/12/2013)



Xênia Antunes, musa do cerrado.

Quero ser Xenia Antunes, que largou Copacabana no auge do verão, as águas mais verdes da face da terra, largou o hotel Copacabana Pálace recebendo os mais famosos astros internacionais, sem se despedir das ondas que encaixotavam na areia, nem da arrebentação, nem dos pegadores de jacaré que ficavam encarcerados na maré até que o salva-vidas fosse dar uma mãozinha. Eu quero ser Xenia Antunes, que trocou o barzinho dos becos, o Alcazar, o Pérgula, trocou os assovios dos garotões pelo pipilar dos sanhaços, canários e pardais, que perdeu o prazer de descascar a pele queimada no último verão, de cobrir as sardas e o nariz com hipoglós pra se proteger do calor de 40°C. Eu quero ser a Xenia Antunes que trocou as ondas turbulentas do oceano pela marola mansa do Lago Niemeyer, eu quero ser Xenia Antunes que ao pisar o solo de Brasília declarou: - ¿Hay gobierno? ¡Soy contra! Eu quero ser a Xenia Antunes que plantou um mamoeiro, escreveu um livro de poesia, pariu uma banda de rock, desconstruiu um mito chamado Lula e ainda encontra tempo para pintar, fotografar, desentranhar um estranho fruto chamado blues e amar Billie Holiday. Etc. (04/12/2013)



Cafezinho, gestos, mor.

Bebo às manhãs o cafezinho diário no Bar e Restaurante Aveiro, dos irmãos lusitanos Manoel e Pereira. O Pereira há tempos não trabalha – contou-me o Manoel – recolheu as pernas destroçadas pelas varizes ocasionadas pelo trabalho duro dos emigrantes patrícios. Anos e anos gastando energia e saúde em pé, pra lá e pra

cá a atender fregueses, minam a resistência das pernas, corroem as articulações, dinamitam os joelhos. Tudo isso com a obrigação de atender sorrindo e com amabilidade. Ao passar pelo bar aceno à distância, “bom dia”, a mão espalmada; ele responde com o polegar e o indicador próximos: “um cafezinho”; aponto o polegar para baixo: “não, não dá” e com a mão no ritmo da vassoura do baterista, “tenho pressa”; duas voltas com o indicador, “depois, mais tarde”; ele levanta o polegar, “ok, entendido”, de novo acenamos os dois, “xau! bom dia!” Essa linguagem de gestos corre o mundo, com mínimas variantes, mas no amor não funciona – o amor exige gestos econômicos, proximidade, odores, líquidos, cheiros, agarramento, saliva. Nem mesmo para o ciao as mãos se movem, basta um breve cruzar de olhares. (06/12/2013)



Falar de Mandela.

Todo mundo já escreveu sobre Nelson Mandela. Não sobrou uma mísera vírgula para que eu possa enaltecer esse amigo da humanidade. Guardei dele um fato simples: Mandela foi convidado a gravar o na TV o clipe-convite para a Copa do Mundo de Críquete de 2011, a ser realizada na África do Sul. No estúdio, recebido com medidas, deram-lhe um chapéu alegórico, de palha, abas estreitas, fita preta, desses que caracterizam o típico malandro. “Por favor, ponha este chapéu na cabeça”. Mandela, com rapidez e puro instinto, botou o chapéu da maneira mais carioca possível: de viés, caindo sobre os olhos, o nariz, tapando todo o rosto. Foi uma gargalhada geral! Com o gesto Mandela quebrou o protocolo. Se a gravação saísse assim, ninguém veria ali o Nelson Mandela, patrono do evento. De repente os técnicos, diretores, o estúdio todo – inclusive eu, anos depois, vendo o documentário –, tivemos que render a ele lágrimas de emoção. Nelson Mandela assumiu uma missão e depois de cumpri-la recolheu-se, não quis ser político, não quis apodrecer – senão como

a árvore que o tempo encarquilha e derriba. Eis um homem que eu gostaria de abraçar. (07/12/2013)



Aniversário de neto.

Hoje é o aniversário dela, Yasmim, minha neta: oito anos! Outro dia, em julho, data nacional da França (tomada da Bastilha), Calian, o outro neto, fez sete anos. Parabéns, beijos e cheirinhos aos dois deste avô relapso. Mas, o fato misterioso dessa convivência com eles, confesso em segredo, tá surtindo efeito. Os netos, os netos fazem avôs agirem como gostariam ter feito com os filhos, mas a vertigem do tempo não deixou. Ao mesmo tempo, avô não deve tomar o espaço dos pais que, por dever e amor, têm obrigação de ficar grudados aos filhos queném carrapatos. Quanto carão levei por não ir à festa deles. Ora, a festa é deles, dos amigos deles, dos primos deles, a festa é das crianças, nada mais justo deixá-los livres para desfrutar o momento e consolidar a amizade com amigos e parentes. Sabemos, por conta própria, que no tempo certo a vida exigirá que estejam juntos e amigos. Sabemos também que a adversidade – até mesmo a felicidade – cuidará de contaminar amizades não solidificadas na infância, na juventude. Papai, mamãe, titio, titia, primos, parentes e aderentes: com seu próprio exemplo prove a meus netos que a amizade, a família, a tribo, tem importância e valor. Amanhã poderá ser tarde demais. Beijos. (08/12/2013)



Martinho que a cidade comeu.

Martinho nunca mais irá a Cururupu. Martinho vai morrer na Praça Mauá. Depois que o conheci, ele soube que estive em Cururupu, ficamos amigos. Martinho me contou que tem um irmão branco: “Eu sou preto, mas meu irmão é branco” – dizia.

Martinho não é preto, é cabôco rijo, forte, que rilha os dentes pra provar: “É tudo natural, meu ainda!” Não sei como Martinho veio dar com os costados no Rio, mas está aqui desde rapaz. Trabalhou anos a fio numa fábrica de roupas, homem de confiança do patrão. A fábrica fechou, Martinho tinha tempo pra aposentar, mas o patrão não depositou INSS e FGTS. Martinho sofreu cinco anos até receber: “Agora vou rever meu irmão branco, volto pra Cururupu”. O tempo passou e Martinho toda vez que me vê repete que está arrumando a mala. Mas o cabôco rijo e forte foi derribado pelo álcool, travestis, prostitutas e amigos afins. Morou num sobrado da Prainha, hoje não sei onde dorme, dizem que é chegado a cheirinho da loló e chupa carreira, mas não acredito: Martinho não tem grana pra comprar papelote – ele sabe – se não pagar, morre. Martinho não vai nunca mais a Cururupu. Martinho vai morrer na Praça Mauá, no Beco do Escorrega, na Pedra do Sal, na Rua Jogo da Bola – adeus Cururupu! Martinho vai cair na Praça Mauá. Vai pra vala com a boca cheia de formiga. Êh, Martinho, meu amigo, nunca mais Cururupu! Êh, Martinho, meu chapa, nunca mais caranguejada – vais morrer na Praça Mauá. Martinho não vai ver nunca mais Cururupu. (09/12/2013)



Bombas químicas.

Crianças, outro dia eu comprei uma juçara pensando que iria matar as saudades de minha terra, mas a disgrama veio junto. Primeiro – não reparei que a dita era misturada com... tcham... tcham... tcham... morango! Quando provei o desastre confirmou-se: ô diacho danado de ruim! Combinação errada... Aí, só então, como bom brasileiro, fui ler a fórmula, ou seja, os famosos “ingredientes”, sempre detalhados com aquelas letras miudinhas pra cacete. Então, vamos lá: Ingredientes. Polpa de açaí médio (que merda é açaí médio?), min. 50%; água, suco de morango concentrado, açúcar, corante carmim de cochonilha, acidulante ácido cítrico (INS 330), estabilizante goma xantena (INS 415),

antioxidante ácido ascórbico (INS 300), extrato de guaraná, aroma idêntico ao natural do açaí, aroma idêntico ao natural do guaraná e aroma idêntico ao natural do morango. O nome desse líquido estranho é Amazoo (os habitantes desse ‘zoo’ somos nós, os consumidores), o fabricante é uma tal Globalbev Bebidas e Refrigerantes Ltda. Mas, peeraaíí, esse final ‘bev’ não lembra alguma coisa, tipo assim, Ambev? Empresas desse porte têm de cuidar mais de seus produtos, não é? Ademais, alguém pode me explicar porque nós, moradores de um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, somos obrigados a beber tanta porcaria? Arre! Mil vezes arre! (10/12/2013)



Cerveja de verdade!

Primo Quincas, como tu sabes, estou há tempo sem beber – culpa dos achaques da idade. Outro dia, porém, não resisti à irlandesa Murphy's Stout que me espiou do bar “Angu do Gomes”, ali na Prainha, colado à escadaria da Igreja de São Francisco. Latona de meio litro, geladinha, amarga, ô bicha gostosa! Ingredientes: água, levedo, malte, cevada. Nada de corante caramelo nem conservante. A preta amarga tem uma bolinha dentro que, ao ser aberta, provoca uma voragem de espuma fervilhando copo acima. Encostei ao balcão, conversa vai conversa vem, fiz amizade com os donos – tudo rapaziada – dizque neto do velho Gomes, portuga que enriqueceu vendendo angu à baiana na madrugada do Rio, na Praça XV, Cinelândia, Praça Mauá e adjacências. Fogareiro no fundo do panelão incrustado em carrinhos, o angu, com pimenta de fazer suar frio o couro cabeludo, saía em pratos de ágata, comido a colheradas. Na moita, pros íntimos, servia-se um grogue da branquinha – ninguém é de ferro! Nesse mesmo bar tem um estoque de caninha da melhor procedência e qualidade. Só tem um defeito: a turma tomou gosto pelo lugar – só vive cheio! Com esse brinde maneiro, te abraça o primo Saloca. (14/12/2013)



Hoje é dia de... Márcia.

Márcia. Minha sobrinha e prima querida, que nasceu para alegrar as páginas do facebook com seu persistente otimismo e perene ar de felicidade. Sendo teu aniversário, se eu estivesse ao teu lado, sabe bem o que iria acontecer, né? Te daria um abraço arrojado e demorado (de dar inveja a teus melhores amigos), olharia bem fundo esses olhos de mil tons de verde... E ficaria em silêncio. Não daria uma só palavra, apenas o olhar romanecearia o momento. Meu coração, a essa altura, repinicaria como um reco-reco, revirado pelas ondas da emoção. É certo que meus olhos se encheriam daquele líquido cuja fórmula ninguém descobriu – como agora mesmo ocorre quando escrevo. Isso tudo porque tu és a pessoa autorretratada neste Facebook, confissão de coragem, vibração, fé e amor. Viva 17 de dezembro de 2013! Um beijo na bochecha, desde o Rio de Janeiro, deste teu primo “não sei o quê”, Saloca. (17/12/2013)



Zébarela, de Devesa-de-arriba.

O meu cunhado Zébarela tá com o ânus em festa, embora dolorido. Veio pro Brasil, como milhares de *rapazos*, contra a convocação de Franco pra guerras coloniais. Pepe é pacífico: quando fica puto com a gente, dá beijos – moda espanhola (beijar homem) que nunca pegou aqui. A gente somos macho! Um dia viu Eveline Boabaid Rovedo num ônibus (mãe a tiracolo) e caiu na armadilha. Nem se deu conta que a velha estava caçando marido pra desencalhar a caçula! Se amarrou aos olhos verdes de Bella e teve três filhas. Duas espanholas: Simone e Samira – uma brasileira: Sabrina (quem conhece sabe do que falo). Educou-as como bom pai – nem uma palmada sequer, mesmo nas que herdaram o musculoso e amplo nadegueiro da vovó Mizika.

Natural de Pontevedra, Galícia (a terra mais brasileira de Espanha), Pepe sempre visita a família, depois presta conta dos pecados em Fátima e traz algo pra eu beber. Aguardiente de hierbas, brandy de Jerez, Lacrima Christi de Málaga e uísque hecho en el Paraguay do freeshop do Galeão, pecado que N. S. de Fátima perdoa. Parabéns Barela, já já vou aí te dar um abraço! (18/12/2013)



Tudo pode ser diferente.

Ferreira Gullar é um chato: tudo que ele diz tem estrume, polpa e sabor – a gente gosta. No programa Impressões do Brasil, Gullar conta algumas fábulas, entre elas porque foi comunista e como a poesia é necessária. A primeira foi devido à leitura do livro de um padre sobre Marx, dividido em duas partes, que revelava, com aptidão, o que é o marxismo e provava porque padres não podem ser comunistas. Gullar leu a 1ª parte e absteu-se da 2ª porque não ia ser padre – logo virou comunista de carteirinha e retrato 3x4. A segunda fábula versa sobre vizinho de mesa chato – um economista porteño casado com uma bonita brasileira, em Buenos Aires dividia a mesa com o poeta. Gullar só ouvia um tema: economia, economia, economia, coisa chatíssima para poetas. Certo dia a morena largou o porteño e quando Gullar o viu após o fim do namoro imaginou o quão trágica seria a conversa: economia, dor-de-cotovelo, paixão. Mas não foi o que ocorreu: o economista mostrou seu profundo conhecimento de poesia – e eis a razão da fábula: a poesia é necessária porque a morena bonita existe. Façamos um esforço de imaginação: o que teria ocorrido se Gullar lesse apenas a 2ª parte do livro do padre e a morena bonita vivesse com o porteño, felizes e apaixonados para sempre? (19/12/2013)



Ninguém vive sem ele.

sou porque tu és; tu és a criatura mais linda; tu és eu sou e somos; tu és uma pequena folha; tu fazes tremer meu peito; te amo; tu és a alegria; te procuro todo tempo; te olho no infinito; tu não te mostras; será que tu existes? não te encontro no Google; não te encontro nas religiões; tu estavas – bem te vi; te busquei não encontrei; te descri na crença; tu tens todas as faces; tu és a nacionalidade; te ofendi e caí; quem tu és? te encontrei nos amigos; te vi fazer nascer o amor; tu és velho no mundo; nunca te vi com fartura; dentro de tudo estás; tu és livre; tu és o problema; tu és a dificuldade; tu és a solução; tu és o amado; tu és o furto da terra; tu és a resiliência; tu és o obstáculo; tu és a saída; tu és a cor da pele; tu ofuscas até o sol; tu és a lei do ouro; tu és o primeiro passo; tu és a vida; tu és diamante e pedra; tu és a decepção; tu és a felicidade; tu vales mesmo sozinho; tu és irresponsável; tu mudas as pessoas; tu és o silêncio; tu és cego; tu és a mentira e a verdade; tu silencias – mas o mundo não vive sem ti... teu nome é dinheiro.
(21/12/2013)



Ser velho é sofrer no Paraíso.

Antes de eu morrer terás raiva de mim, odiarás trocar fraldas, temerás as caminhadas noturnas, não suportarás o peso morto deste corpo cansado. Antes de eu morrer o ruído de copos e pratos quebrados ferirá teus ouvidos, abominarás os farelos de pão, o arroz no sofá. Antes de eu morrer te envergonharás dos olhos remelentos, das ereções involuntárias, da saliva fluindo dos lábios, criticarás o leite derramado, a panela com água esquecida no fogão. Antes de eu morrer me detestarás, porque levanto cedo e esfolo o ar com o som de Beethoven, levantarão tua ira o mau hálito e o mijo fora do sanitário, te zangarás porque não faço a barba, uso roupas amarrotadas e sujas, não corto as unhas. Antes de eu morrer te ofenderá a minha aparência, os cabelos

desgrenhados, os óculos remendados com fita durex, terás ataque de fúria se eu ficar olhando a bunda, os peitos das visitas, te irritarás com a piada de mau gosto. Antes de eu morrer tua cólera se acentuará se no banho molho o chão todo e com furor me odiarás quando, antes de eu morrer, eu ficar bêbado. Depois que eu morrer estarás aliviada, mas ainda assim te queixarás do peso do caixão, porque morrerei velho, gordo e caduco. (22/12/2013)



Facebook adeus!

Foi bom participar da rede – mina de ouro e lixão – mas o bicho cresceu e quer tomar conta de mim, quer me dominar, coisa que meu anjo rebelde não permite. Cresceu tanto que não dá pra tomar conta sem ter uma secretária. Aí entra a questão da bufunfa: sempre fui durango, sempre vivi como as cigarras, sempre sambei a vida na flauta. Não podendo ser formiga (vôte Kafka!), deixo o Face, mas não fecho a página. E mais: autorizo o uso, a cópia, escrevam o que quiserem. A gente se vê por aí: o mundo tem ruas, calçadas, becos e praças pra encontros; tem bares, restaurantes, cafés e sorveterias pro papo; tem bairros, igrejas, clubes, associações pra ver gente; tudo serve pra aconchegos, bate-papos, beijinhos, convescotes e outras uniões mais safadas. Esqueci os motéis? Também serve. Enfim, quem quer acha, como diz o ditado. Eu acharei, tu acharás, eles acharão e todos ficarão felizes. E ainda tem a passeata, o protesto, o chute na lixeira, o grafite, as exposições, os museus, alguns poetas poetando aos berros! Coisas que reúnem gente, já que as revoluções armadas estão em desuso. Facebook adeus! (25/12/2013)



Como a burrice se repete...

Voltei a este espaço só pra falar do rolezim e do rolezão, tá na moda, né? A rapaziada quer se ver, quer se tocar, mostrar o corte de cabelo, conhecer ao vivo e a cores a garota que ama na internet, trocar figurinhas, enfim, como se dizia. Você não marcava encontro? Não ia ao cinema? Não namorava no Posto 4½? Não ia ao barzinho? Não dava uma fugidinha? Não fazia pit stop no motel? Tudo numa boa, sem polícia, sem bomba de efeito moral – a única vigilância era da mãezona ou da sogra. E os conceitos éticos da época, suas próprias regras. Fora essas restrições, a mão boba tinha livre acesso a todas as reentrâncias. Pois hoje tem o rolezim ou o rolezam. Também regras que ainda vigem, advindas de vinte anos de ditadura. Por isso: aumenta a segurança, fecha a loja, chama a polícia, entra com liminar – idiotices que ditaduras e leis de exceção deixaram de herança. Tenho esperança que algum diretor de shopping mais inteligente e visionário apareça pra anunciar: VENHA AO NOSSO SHOPPING! AQUI O ROLEZIM É LIVRE! (16/01/2014)



Rio de Janeiro, Cachambi, fevereiro de 2014.

Conversas com Quincas Oliveira



Rio de Janeiro, Cachambi, 2013



Quincas, bom dia!

Te mando algumas fotos de hoje, este domingo 14 Juillet, tomada da Bastilha, vá lá, como queres que se diga, mas contam que foi tanto canhonaço que parte dela (do prédio) caiu mesmo. É também o aniversário de Calian, meu neto. Me apeguei a esse moleque demais – nem sei nem te conto o porquê.

Nas fotos verás: manhã de céu de brigadeiro (que o espanhol chama ‘despejado’); eu com chapéu de malandro que me deste; a florestinha da varanda resplendendo o dia; feira que tem aqui na rua todo domingo (sete estandes de pescados e frutos do mar!); o café da manhã e seus petrechos.

Fui à padaria, comprei pão, bolo de laranja, saco de leite (cujo conteúdo é apenas leite pasteurizado e não aquela lista de conservantes químicos que consta na caixa longa-vida); Na feira, peguei metade do queijo meia-cura (ainda não tinha beiju, que é feito na hora). Passei o café... e eis a manhã completada.

Por acaso descobri que temos na TV o Canal 5 da França, não é que passava o desfile? Les armées a l’honneur! A infantaria tomada de afrodescendentes, mas a equipagem de tanques e armas

mais sofisticadas, mísseis, foguetes, essas não: *toute l'équipement manipulés par des vrai français!*

Ontem assisti a um documentário sobre vinhos: tu que ficas apaixonado pelo vinho californiano, vais agora saber que no estado do Oregon (Portland) tem mais de 300 vinhedos produzindo cepas premiadas pelaí! Os vinhedos são beneficiados pelo clima e por estarem às margens do Rio Willamette. Assim encerro este bilheteinho saudoso.



Quincas, bom dia!

Sei que vou te dar trabalho, mas desde logo, se não puder, fale, porque entre nós não tem qualiragem. Acabei e te mando a novelinha 'Chiara'. Rapaz, foram 40 capítulos feitos separados e aleatórios, que pra arrumar foi um desastre. Como já estou 'saturado' com o tema, um olhar 'de fora' cai muito bem. É isso que te peço, mas se não puder, como te disse, não faz. Também não é pra já - quero finalizar esse bicho lá pra dezembro ou janeiro.

Não posso dizer que o pensamento de você não me preocupa. Preocupa sim. Fico pensando aqui nas tuas decisões, parar de editar, parar de escrever, tirar férias literárias, etc. É verdade que nos reencontramos tardiamente. Mas aos poucos fui tomando gosto por você, pelas atitudes que você elege, como controla os acontecimentos. Faz pouco me admirei a tenacidade com que enfrentaste a odisseia para descobrir o mal que afligia a minha prima, futucando mundos e fundos, até finalmente desvendar o mistério.

Bem vejo que apenas cumpres a promessa, feita a ti mesmo, de cuidar dela, desde o primeiro dia em que resolveram viver juntos. E tens feito tudo com a tua própria ética, em silêncio, sem alarde. Penso na situação dela e como isso pode te afetar. Já que és um

caladão por natureza e o mal de 'esquecimento' que a tem afetado pode trazer mais mutismo ainda.

O meu temor é que a solidão te agarre, e daí a preocupação com o deixar a literatura de lado, e digo isso por conta de experiência própria. Mas te contei isso, porque o que me aguentou – agora descubro que em todas as circunstâncias – foi a literatura, o fazer poesia, escrever e ler de tudo, brincar de arte.

Foi isso que me fez cismar com você, porque estou matutando nisso desde que você veio com essa história de se afastar. Num afastamento, meu primo. Você é um artista, está comprometido com o escrever desde a juventude. E quando tudo estiver aporrinhado, é a literatura que estará contigo e vai botar tudo nos trilhos. Pronto, já desabafei. Fica com Deus e com as almas benditas. Um beijo na minha prima, sobrinhos e sobrinhos-netos.

Depois do alívio em te mandar 'Chiara', carreguei pedras. Encontrei um volume de contos meus, datilografado, dos anos 1980. Rapaz eu escrevia sobre coisas loucas... e levava ao extremo o dito de Mário de Andrade – 'conto é aquilo que chamamos conto'. Agora estou digitando e tento mexer quase nada.

PS: Notei pelo menos duas temáticas: suicídio / a morte entre nós – mas de nenhuma maneira lúgubres...



Quincas, bom dia!

Quanto à re-visão do teu livro de crônicas, vai aqui um vade mecum que te eximirá de culpas mal inculcadas: 1) não seja muito rigoroso consigo mesmo, lembre: cada leitor terá sua própria visão; "cada cabeça, uma sentença"; 2) os teus pares dirão: - "um bom tema que Joaquim não soube aproveitar"; - ou: "magnífico! O autor

alcançou o cume!" etc. (dependendo do tamanho da inveja). 3) e aqui também vale aquele artigo do Dombrowsky...

Sabe que no Porto do Rio estão a modernizar tudo, à moda dos velhos cais que são remodelados e postos a cumprir funções novas. Aqui tá assim. E pra arrematar os trabalhos, estão também a arborizar a orla das calçadas. Pensei que iriam dar força ao Bois du Brèsil (pernambuc), pois já vi muitos espalhados em calçadas, mas nada. Sabe quem tá com a maior força? O velho e sombroso oitizeiro. Pois não é? Novas mudas estão sendo plantadas.

A pus de esticar o assunto, andei a olhar as árvores que estão por aqui. Jaqueiras às margens do Rio Maracanã; mangueiras espalhadas pela Vila Militar; um tal de Abricó-de-macaco, que na Pç. Da Bandeira, não comestível; oitizeiros em toda Copacabana, tu bem conheces; alguns cajueiros em Deodoro, mas não sei se dá frutos; ah, lembra? velhos Tamarindeiros na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas; na estrada Grajaú-Jacarepaguá, mais jaqueiras que, dizem, veio da África e é espécie dominadora; e muitas, muitas amendoeiras, de frutos amarelos e tintos quase roxo. Tudo sempre mesclado com o flamboyant... que até no Cachambi tem muitos!

Do oitizeiro me lembro bem, é da minha infância, pois comi muitos frutos daqueles pés magníficos que tinha na Pç. Deodoro, principalmente em frente ao colégio Rosa Castro. As árvores pareciam catedrais de tão altas (ou era eu um pirralho?). Aqui no Rio comi muitas amêndoas, isto é, chupava, porque o bom era o sumo. De cajueiros, confesso que nunca vi tantos em Mato Grosso! Fui levado erradamente (não sei por quê), à impressão de que o cajueiro era planta de litoral. Pois em MT é planta nativa, como o pequizeiro.

Lembro que no velho colégio dos Irmãos Maristas tinha um pé de tamarindo que era uma belezura, e levei muitas admoestações por

comer os frutos. Oras... E relembro que lá no fim da casa de Antonio Nicolau, na Jordoa, tinha uma nascente de água cristalina, vastamente sombreada por um ingazeiro secular, cujas bagas enormes, de polpa branca aveludada, arriavam rumo ao chão. Quantas vezes saí dali com uma sacola cheia para levar para casa e então ver com que delícia e gana dona Mizica e o velho João Rovedo se atiravam aos frutos doces. Bem, é isso.



Quincas, bom dia!

Já te disse que não costumo ler coisas antigas minhas. Falta-me autocrítica. Mas tive de digitalizar um livrinho que achei abandonado e vi este continho, que achei nada de obra-prima (arre! quanto 'inho!'). O fato é que o conto tem dinamismo, temas que saltam rápidos, um final até certo ponto surpreendente. Quer dizer, algumas vidas são descobertas nas pequenas cenas que vão se passando. Dá pra distrair: a temática fortuita, várias vidas, o que foi, o que deixou de ser. Bom, quando tiveres tempo, lê.

Você já deve estar safado comigo, desse mau modo de ser meu. Quer dizer, tipo modéstia, diminutivos muitos (livrinho-continho), não ligar pra \$\$\$\$. Não é fingimento não, deve ser defeito genético ser assim, irresponsável com a vida. Sabe que outro dia deixei de ganhar R\$ 400 por causa de ser assim? Fico chateado porque tem gente em volta que não devia receber reflexo desse mau comportamento. Não vou recorrer a meu vocabulário de frases latinas pra te explicar melhor: te vira!



Quincas, bom dia!

Passando vista numa enciclopédia (que sempre consulto antes de te escrever, que não sou bobo...), achei este verbete:

“Meneses, Celso Antonio de, escultor brasileiro, Caxias (MA) 1896-Rio de Janeiro 1984). Estudou em Paris com Bourdelle; trabalhou em São Paulo e no Rio. Entre suas obras destaca-se "Moça reclinada", feita para o jardim suspenso do Palácio da Cultura.”

Surpresa! Conheço a 'moça' porque era caminho para o Clube de Xadrez Guanabara, que frequentei quase todos os dias por muito tempo. Indo de ônibus, eu descia na Av. Rio Branco, seguia pela Rua Pedro Lessa, atravessava a Rua México e Av. Graça Aranha, desembocando bem no pátio do Palácio da Cultura, em cuja travessia era obrigatória a vista do jardim suspenso.

Nesse itinerário um dia esbarrei com Carlos Drummond – ia falar com ele, mas desisti, porque o vi muito absorto – quem sabe estava matutando nos muitos anos que transitou por ali, a trabalho do Ministro Gustavo Capanema? Antes e depois revi Drummond em eventos, principalmente na Casa de Rui Barbosa. Sabe que eu tenho alguns cartões dele – daqueles que por gentileza mandava a tantos quantos o procurassem? Hoje não sei onde estão... Mas, que importa? Faz tempo que a obra de CDA ganhou naturalidade argentina, né?

A escultura da ‘moça deitada’ fica ao lado de outra obra, um casal de estudantes, as duas peças em granito branco. Eu dava crédito a Brecheret, Bruno Giorgi, por aí... Tem outra moça deitada – uma mãe amamentando – nos jardins da Praia de Botafogo, perto da Fundação Getúlio Vargas, não sei se te lembras, também em granito branco, muito bonita. Será igualmente obra do Meneses? Antão, isso sim, falar do maranhense Celso Antônio de Meneses é motivo pra crônica.



Quincas, bom dia!

Avisa a rapaziada! Saiu a programação dos blocos de carnaval do Rio de Janeiro. Anota aí:

Vai ter desfile de bloco pra ninguém botar defeito: Espanta neném - Copacabana; Imprensa que eu gamo - Laranjeiras; Calma, calma sua piranha - Botafogo; Xupa mas não baba – Laranjeiras; Pinto sarado - Morro do Pinto; Simpatia é quase amor - Ipanema; Deixa a língua no varal - Tijuca; Suvaco de Cristo - Jardim Botânico; Escravos da Mauá - Prainha; Quem num guenta bebe água - Laranjeiras; Se não quiser dar, empresta - Ipanema; Larga a onça, Alfredo - Laranjeiras; Discípulos do Oswaldo - Manguinhos; Samba brilha - Cinelândia; Bonde do Samba - Largo da Carioca; Loucura suburbana - Engenho de Dentro; Bloco das Carmelitas - Santa Teresa; Boca que fala - Centro; Vem ni mim que sou facinha - Ipanema; Eu sou eu, jacaré é bicho d'água - Vila Isabel; Rola preguiçosa - Ipanema; Boêmios da Lapa - Lapa; Embaixadores da folia - Centro; Céu na terra - Santa Teresa; Cordão do Bola Preta - Cinelândia; Dois prá lá dois prá cá - Botafogo; Bloco do camelo - Paquetá; Sassaricando - Glória; Empurra que pega - Leblon; Barbas - Botafogo; Carioca da gema - Lapa; Cordão do Bola Preta - Harmonia; Azeitona sem caroço - Leblon; Cordão do boitadá - Pç. XV; Laranjada samba club - Laranjeiras; Que merda é essa? - Ipanema; Comuna que pariu - Cinelândia; É de pirarucu - Mal. Hermes; Gargalhada - Vila Isabel; Cachorro cansado - Catete; Simpatia é quase amor - Ipanema; Maracangalha - Humaitá; Corre atrás - Leblon; Volta, Alice - Laranjeiras; Bloco de segunda - Humaitá; Os infiéis - Pç. Tiradentes; Flor do sereno - Copacabana; É tudo ou nada! - Humaitá; Se me der eu como - Tijuca; Empurra que pega - Leblon; Largo do Machado, mas não largo do copo - Catete; Meu bem, volto já - Copacabana; Só pra ver o que vai dar - Botafogo; Cachorro cansado - Catete; Me beija que sou cineasta - Gávea; Planta na mente - Lapa; Voltar pra quê? - Cinelândia; OBA - Os

Bons Amigos - Pedra do sal; Bafafá - Ipanema; Berço do samba - Lapa; Condomínio Barangal - Ipanema; Concentra mas não sai - Vila Isabel; Piranhas do Cachambi - Cachambi; Monobloco, Pç. XV de novembro. Nos dias seguintes, bis de vários blocos até o carnaval acabar...



Quincas, bom dia!

Demorei a te responder o email que trouxe junto a poesia de Manoel da Cruz Evangelista, porque tem estória pra contar. Já faz um tempo, bem uns sete ou oito anos, me veio à cabeça um tema e lá fui eu trabalhar nele. Começo a escrever... poesia! Fiz uma pausa e disse pra comigo: péra aí! Quer dizer que tudo que tenho de expressar agora é em forma de poesia? Necas de pitibiriba! Pronto! Me aporrinhei com essa “ditadura” e falei: não escrevo mais poesia. Poizé, agora já vai para dez anos sem a dita cuja. Para não dizer que não fiz nada, poetei alguns folhetos de cordel a pedido do Zé Andrade – em homenagem a Augusto dos Anjos. Por isso, antes um poucadinho de chegar teu email já eu estava pensando que era tempo de escrever um livro de poesia - e até botei título: Dez Baladas sem Música. Isso de botar logo o título é pra comprometer princípio, meio e fim. Mas só tem o título mesmo... e algumas ideias fervendo na mufa. Nem sei se o título é bom, mode que não tenho o talento pra nome de livro, que nem o Mário de Andrade tinha. Ele sim, passando pela vila amazônica de Remate de Males, escreveu pro Manuel Bandeira. “Não é um baita título pra um livro?” - E foi mesmo... Isso foi o que me trouxe à lembrança os versos de Manoel:

“Agora estou bem melhor,
mas sinto dor,
tento fazer poesia mas só sai porcaria
vou parar de escrever.
Vou colher flores,

...vou cantar louvores,
porque tenho amigos,
amigos como você!”

Depois me veio à ideia de também parar de escrever, mas trocar a escritura por pinceis e telas. Não sei... E andei pensando que você também está devendo um livro de poesia, porque não tenho notícia se saiu alguma coisa tua depois de “Do incerto ócio”.



Quincas, bom dia!

Estou te mandando a prova em anexo, pra você não dizer: lá vem Saloca com mais uma lorota. Está aí mesmo, Dona Cida, recém-chegada do Maranhão, espírita vidente que com sete anos de idade desvendou o passado, presente e futuro de todos os seus familiares, se tornou minha vizinha de bairro, veio pro Cachambi. Mas ainda não fui lá visitá-la. Isso porque não sei se a essa altura do campeonato vou querer ser orientado sobre meus problemas comerciais, particulares ou amorosos. Tampouco sei se quero fazer voltar alguém muito querido pra minha companhia... ou recuperar um grande amor perdido. Deixa os amores perdidos pra lá, né? E eu, que nunca fiz mal a uma mosca!, vou lá querer destruir malefícios, ciúmes, invejas que poderão ter de mim? E já setentão terei tesão para alcançar êxito nos negócios, ter um bom emprego, curar os meus vícios – que muito demorei a conseguir e tanto prezo? Por qual razão tenho obrigação de recuperar alguma casa comercial da falência? Ara, primo, se nossa conterrânea, Dona Cida, tivesse chegado aqui algum tempo atrás, decerto estaria na fila de consulentes esperando a minha vez. Mas agora deixo tudo assim mesmo - é bem melhor ficar tudo como está, né? Amores que não tive, livros que não li, sonhos que não sonhei – pra que mudar tudo isso? Poderia ter sido um viver mais melhor – mas ruim mesmo é que não foi... né? Ahrs.



Quincas, bom dia!

Apesar de tudo... Poizé, primo, coisa mais chata do mundo esse negócio de morrer, mas como será sempre esse o *gran finale*, que sejamos capazes de torná-lo menos aborrecido... Também ontem eu voltava pra casa, aporrinhado com a notícia do falecimento do Antônio, passei num pé-sujo que tem perto. Era uma casa que ficava a meio caminho, por isso nunca tinha parado ali, desta vez fui pra lá. Fui com intenção de beber algo pra tirar as nuvens negras de sobre minha cabeça. É um misto de boteco e restaurante, dono português, teu xará, aliás. Agora vê só o que o pé-sujo oferece, de entremeio às porcarias comuns aos estabelecimentos desse tipo: Bagaceira das marcas Neto Costa, Primavera, São Domingos e Aldeia Velha; Macieira em garrafa (não litro), Five Star, Royal Brandy, como se diz agora dos conhaques feitos fora da França - aqui temos o tal de 'conhaque de gengibre'. Continuando: Vinho do Porto Réccua-Ruby, Licor Beirão, vários litros de Aniz 'escorchado' (foi assim que entendi - está certo?); Azeite em lata: Bom Dia e Mondegão; Tremoço, Grão de bico e Favas em vidros de conserva, da marca Du Olival. Pra fechar a lista, tem também Sardinha, Bacalhau e Polvo, enlatados em azeite, da marca Ramirez. Já que estava aporrinhado, como te disse, pra não perder a viagem bebi umas tantas cervejas Itaipava Premium - que também lá tinha (não resisto ao cacófato) -, muito bem acompanhadas de tremoço, sardinha e papo furado com Joaquim, que tem uns 50 anos de Rio de Janeiro e outras tantas idas e vindas à terrinha. Fi-lo porque quis e bem feito, não foi? (Esse 'fi-lo' ouvi de Jânio Quadros em entrevista, correção feita ao famoso 'fi-lo porque qui-lo' - feitas as adaptações folclore que corria como sendo frase dele. "Jamais pronunciei tal coisa - disse - se o fizesse teria dito: Fi-lo porque quis". Aqui não sei se teria dito 'o quis' ou 'quis'...). E posto que morrer é também puro folclore, não percamos a pose - e abraça cá este seu primo...



Quincas, bom dia!

Sabe que acabo de ler um livrinho, curto como o quê: é Gênese do Dr. Fausto, de Thomas Mann. Como o título diz, ele aproveita as anotações feitas enquanto escrevia o romance Dr. Fausto, para rememorar os acontecimentos da época, porque ele não se fixa somente nas notas sobre a feitura do texto, mas acrescenta acontecimentos familiares, pessoais e tudo o mais que o cercava na ocasião.

Comecei a te escrever com um motivo principal e mostrar que a gente da arte é toda igual, seja em qual arte seja, for de que arte for – pintura música, escrita, poesia, cinema. Arte é arte, enfim, e os mecanismos que os artistas trabalham têm os mesmos escopos, mas cada qual com seu cada qual. Acho que já me referi a isso em outra ocasião, mas fica bem claro agora, lendo as notas de Thomas Mann.

Pois Thomas Mann foi beber em muitas fontes pra construir o seu Fausto: Freud, Bíblia, contemporâneos e amigos. Volta e meia ele reconhece na obra alheia similaridade com o que está escrevendo. Mário de Andrade chama isso de ‘sequestro’, isto é, um tema lido e guardado no subconsciente reaparece transfigurado, imitação ou semelhança, em obra nossa. Na prática o que Thomas Mann fazia era usar argumentos, temas, buscar conhecimento pras coisas que não sabia a fundo. Mas o livrote chama mesmo a atenção para a grande e decisiva mãozinha dada por Theodor Adorno, confessada como imprescindível. E agora? Como o Fausto é tema recorrente nas artes (tu não tens o teu?), fica difícil aceitar a teoria dele, Adorno, de que a arte representa um protesto social.

Uma coisa que me deixou encasquetado e não consegui resolver foi a transformação da música em texto de prosa, como diz-que

Thomas Mann conseguiu – o personagem que faz o temático ‘pacto com o Diabo’ no romance é compositor e musicólogo (aliás, como não li o Dr. Fausto, não estou seguro disso). Com a poesia se sabe do vínculo estreito: não só a música, mas todos os elementos musicais estão presentes e são importantes. Mas como fazer que o texto de prosa represente uma obra musical? Isso é possível ou interpreto mal a proposição? Para conseguir o seu intento Thomas Mann consulta não só Adorno – também musicólogo – como vários compositores de sua relação (Schomberg principalmente), e diz que conseguiu o que queria, ora, pois o romance saiu, não foi?

Música – Prosa... Você sabe de alguma coisa parecida? Pode me dar alguma luz, ainda que teórica? Ou será que vou ter que ler o Dr. Fausto pra entender isso? Acho que sim. Me recordo que certa ocasião Thomas Mann – também com dificuldade – de repente anota no diário: - Agora sim, vejo bem claro, a música (acho que se refere ao Trio em Si Bemol de Schubert), está todinha lá!

Rapaz, o que me pareceu é que ele conseguiu ‘ouvir’ a representação da música dentro do texto! Tudo infere que, sendo o capítulo final do Dr. Fausto a exibição de um oratório, era esse o objetivo de Thomas Mann. Para mostrar a composição, não só em teoria, mas também na técnica, ele recorreu a tudo, desde Bach à escola de Schomberg (música serial).

É isso aí, primo, esses são alguns dos mistérios da Arte... “Eis o mistério da Arte” – se poderia dizer como no ritual da missa: “Eis o mistério da Fé!” Arte e Fé são misteriosas, por isso disse lá atrás que o artista tanto pode nascer em Alagoinha quanto em Viena, tanto faz... Mas não sou ingênuo a ponto de duvidar se esse meu desconhecimento, a minha dificuldade em perceber certas nuances da Arte (como esta, talvez inútil, digressão sobre música/prosa) ocorre devido à informalidade com que aprendi minha pequena arte. Não disse autodidatismo porque, para mim, isso é coisa que não existe. Se pensarmos bem a história do conhecimento, vamos

ver que tudo que se apreende, tudo que é transmitido, é de alguém para alguém. Portanto, o autodidatismo não existe – essa é uma palavra inútil.

Quanto à novela Chiara, tomei decisão (para acabar com a ‘novela’ termina não termina): vou completar o capítulo que falta, vou botar o que tenho aqui tirado de um conto, e assim dou por finalizado. Tem outro texto que queria incluir, te conto. Foi uma crônica que escrevi quando mãe Mizica morreu. Chamei ‘Tudo que mamãe me ensinou’ e saiu numa revista eletrônica chamada Confraria. Pois bem, a tal revista acabou e – como um dia profetizei – o texto foi pro espaço sidéreo do mundo digital (o espaço cibernético está mais cheio de almas penadas do que o purgatório de Dante). E nos meus arquivos não encontro mais nada. É uma pena, porque o texto se encaixaria perfeitamente.

Um último trabalho que essa novela me dará é encontrar um nome. Chiara não dá, já te expliquei o porquê. Não quero botar Clara, nem Klara, nem algo similar porque quero tirar da cabeça que não se trata de coisa biográfica – e não é mesmo! Fui fazendo ficção das lembranças que me vinham, misturando tudo e vendo o resultado da composição. Aliás, veja só como são as coisas, acabei de discutir isso quando falei de Thomas Mann. Puxa!

PS: A sinopse do livro, publicado aqui pela editora Saraiva, diz:

“Doutor Fausto” é uma obra grandiosa com a qual Thomas Mann constrói um universo social de artistas e intelectuais. Narrada pelo amigo e professor Zeitblom, é a história do músico Adrian Leverkühn, que, como o Fausto da lenda, vende a alma ao Diabo a fim de viver o suficiente para realizar sua grande obra. No último dos seus grandes romances, Thomas Mann trabalha com extrema coerência os personagens, fazendo sentir seu amadurecimento, os caminhos traçados por cada um, combinando música, política e realidade num grande panorama em que a figura do artista

encarna a própria ruína de seu país, a Alemanha, em guerra.
(Trad. Herbert Caro)



Quincas, bom dia!

Outro dia acordei com uma dorzinha chata ali na ponta do estômago, perto da virilha. A bichinha foi me incomodando, incomodando, até que pensei: “Figueiredo! O velho fígado tá gemendo.” Lembrei também de uma velha gastrite cuja imagem mostrada pelo exame mais parecia uma foto de explosões solares. Aí foi um alvoroço mental. Quem tem cu tem medo.

Resolvi de logo cortar o álcool, as gorduras, manejar na alimentação. Já estou uma semana nesse regime. É coisa pra ir ao médico, mas agora não dá. Vou ver se melhora à custa de mezinhas mesmo. Enfim, tomei também chá de casca de laranja, tudo isso junto fez a dorzinha chata sumir – não de todo – o volume da barriga diminuir e, como resultado, estou produzindo um cocô de neném...

Aliás, por falar em dor, você não tem razão nenhuma em se recusar a tomar remédio pra essa dor de coluna que de vez em quando te arrasa. Ora bolas, os caras passam anos e anos em pesquisa, gastando milhões em \$\$ pra descobrir o alívio da dor, mas vem você refugar tudo! O que produz essa tua dor quase certo que é uma inflamação. Ademais, esse é um ponto localizado, fácil de identificar, o médico vai te receitar o remédio certo. Imagina se a dor te ataca quando estás dirigindo ou – vá lá! – fodendo??? Será um desastre, né?

Depois que te comentei sobre o documentário do vinho do Oregon, vi uma notinha sobre o Chateau Mansur, libanês do Vale do Beccaa (não sei se a grafia tá certa). Espero que tenhas bebido

uma ou duas garrafas dele quando da tua vagem por terras libanesas.

Conversando com uma amiga pedi alguma coisa dela pra ler, mas nada, senão um comentário: eu escrevo só ensaios, etc. Quero, também, que você me lembre do nome do irmão dela, o romancista que, aliás, para espanto da amiga virou poeta. Acho muito estranha essa querela antiga, que faz com que se desdenhe, qualitativamente, um gênero em detrimento do outro. Oras...

Lembra o dia que assistimos à apresentação das três poetas? Aquela de Duque de Caxias encerrou um comentário assim: “A poesia é uma varanda.” Aí naquele momento fiz um poeminha que esqueci e depois lembrei:

A poesia é uma varanda
Varanda debruçada sobre o rio
Rio de águas duras como pedras
– A poesia é pedra.

Depois, remexendo esse textículo, bem vi que naquele mesmo momento em que eu produzia já estava obsoleto, era passado. Aliás, eis o mistério da poesia: eu já li muita poesia, muita mesmo! Imagino que a idade da poesia seja indeterminada. Então, não é maravilhoso como os poetas ainda encontrem meios de fazer poesia? Não é de fato maravilhoso que, ainda hoje, o manuseio da palavra, a construção da frase, nos deixem tão abismados? Ahrs.



Quincas, bom dia!

Você pensa que me sacaneou mandando a foto dela (sacaneou mesmo, mas não confesso), mas na verdade me alegrou mais do que... Quando vi essa menina na tua sala esculhambando São Luis na frente do avô, pensei logo: essa saiu ao velho Quincas! Na

verdade aquele esculacho – que a vó ouvia com horror! – tinha o objetivo de alcançar o degrau onde ela está agora, com o merecido apoio do vovô. É uma menina admirável, vale a pena ficar de olho. Parabéns, velho chato.

Aqui no Rio estamos completando uma semana sob um frio lascado! Madrugadas de 5°C! Estivéssemos em Paraty com esse tempo, nem te conto... o consumo da branquinha teria aumentado em muito!



Quincas, bom dia!

Estou já com quase um mês de jejum alcoólico e mantendo uma dieta discreta, rapaz, sabe, isso me deu um alívio danado nas partes baixas. Mas, me responda: a longo prazo isso é vida que se leve? Nenhuma pimenta, sem uma caninha, uma feijoada, nem um uísque honesto? Arre, que não dá mesmo! E aquele vinho das encostas do D'ouro? Mas esse 'refresco' dado ao fígado e à minha gastrite perpétua é bom porque bota tudo no caminho, né? No entanto essa velha gastrite – que, espero, não tenha involuído pra nenhuma coisa pior [por que se diz 'evoluir' para um mal que piorou?] – essa não me larga de jeito nenhum. Tenho que aumentar o arsenal de mezinhas para equilibrar as coisas.



Quincas, bom dia!

Estamos em plena semana da Jornada Mundial da Juventude e fico pensando que esse evento seria bem pior se estivéssemos sob a batuta do velho Ratzinger. Você gostaria de estar aqui pra ver o Francisco distribuir cajadadas aqui e acolá. Até a 'denta' ficou extasiada, apesar do provável ateísmo. Eu não sou propriamente um carola, nem católico praticante sou, aceito um bucadinho de

toda religião, sou até ateu às vezes quando há necessidade... Mas muita coisa do que está acontecendo realmente me comove: ontem foi dia de via sacra em Copacabana. Rapaz, a representação das 14 estações estava bonita, comovente e atual. A minha ideia de Deus também é diferente: exclui “o criador do céu e da terra”, por exemplo. Permanece mais como um alter-ego, mas nem é essa a explicação que se encontra em mim. Não sei...

Aliás, a minha comoção se move de modo mais aleatório possível, alucinado mesmo. Posso marear (ou não) os olhos com filmes como *A vida é bela* ou *Amacord* – também com muitos documentários – ou chorar (ou não) com a perda de alguém. Às vezes, quando estou, só pensando isso e aquilo, bate uma comoção que ataca o peito e fica quem uma lixa me raspando por dentro. É dessas maneiras que ela se manifesta...



Quincas, bom dia!

Fiquei deveras chateado com o caso do meu vizinho, ao qual atacou um tumor nos pulmões. Olha que o cara já não fuma faz 50 anos, bebe moderadamente (a taça de vinho religiosa – uma por dia), tem uma vida bem melhor que a minha, sai pra caminhar de manhã, não come as porcarias que eu como... E também: por que nos pulmões?... Estou torcendo pra que não seja fatal nem de repente e que ele possa visitar os irmãos, ainda que terça-feira viesse notícia que a irmã mais velha faleceu em Soutelo. Mas você tem toda razão em achar que ele deveria iniciar logo o tratamento. Sabe-se lá o que deu na cabeça dele.

Bem, primo, são essas as novas, desde o Cachambi. Me esqueci de te dizer que o Maracanã está bonito com a plástica que fez e que pretendo assistir um jogo qualquer hora dessas...



Quincas, bom dia!

Enquanto tu esculhambas com a poesia, ocorre que aquela brincadeira com o tema da Indesejada já rendeu sete poemetos, que quero completar com algumas outras ideias e montar um opúsculo. Foi bom pra mim esse exercício, porque tinha metido na cabeça uma incapacidade de escrever poesia de novo, depois de parar quase dez anos, imagina! Agora sei que ela voltou e fiquei feliz com isso, não estou órfão. Mas as férias da poesia foram boas, isso porque tava um vício escrever poesia e bloqueava outras formas de expressão. Agora tenho também já uns dez contecos novos que tou ajuntando pra outro livrote. É isso.

E pra encerrar a questão do Dombrowsky (que, aliás, já li que é mais filósofo que ensaísta), sabe o que é poesia? É um dogma; é o mesmo o que a fé representa para a religião. Aliás, isso serve para todas as artes, inclusive pra arte de cronicar... Ou tem fé, primo, e acredita na arte (você é artista desde rapaz) ou vai lambar sabão. Aliás, vai encher o cu de rola – como tio Zé Nahuz gostava de encerrar uma discussão besta, em vez de ficar apreciando as mulatas – como ele gostava! – na Cinelândia. Nessa época eu já ia com ele no fusquinha, fazendo exame de admissão pra carioquês.

Carioquismo: Em terra de cócoras, de sapo com eles (faço essa sacanagem pra debochar do que fizeste com a minha poesia, há, há, há). Te conto duas histórias:

Suriname, início dos 60. Chego lá, encontro um surinamês que morou muito em Belém, fala ótimo português. Depois de longa viagem, preciso comprar roupas, fazer cabelo e barba. Ele me encaminha. Compro roupas de modelos usados pelos locais, faço o cabelo e barba na moda local. Quando me apresenta aos amigos dele e me sabem brasileiro: Puxa! Olhando assim ninguém vai dizer que não é surinamês!

Rio de Janeiro, 1964, Lapa. Faço um grupo de amigos cariocas que frequentam a Lapa, a última Lapa boêmia, agonizante. Não a

Lapa de Manu Bandeira ou Luís Martins. O noturno de sexta-feira começava num pé-sujo da Rua Taylor com Rua da Lapa, preliminar com conhaque e cerveja, seguia para o Pálace Sinuca, entreato para comer pão-doce na Confeitaria Imperial (mania de um dos bebedores, ele dizia que o açúcar corta o efeito do álcool!), depois Ferro de Engomar para bebidas aromáticas, ervas, folhas, frutos e raízes - tudo misturado à cachaça -, por fim, os cabarés Brazil Dancing (Av. Mem de Sá), Café Nice (Av. Rio Branco, Ed. São Borja), madrugada chegando, bate aquela modorra, recuperar os ânimos no Restaurante Capela.

Nessa Lapa conhecemos uma puta que o grupo adotou como companheira coletiva. Regra geral: a China (nome de guerra que ela ganhou pela aparência oriental, gordinha, olhos apertados) é nossa amiga, ninguém come. Ademais a China tinha cafetão gallego. Ocorre que a China, sem saber disso, se ‘apaixona’ pelo poeta. Quer largar o espanhol, faz beicinho, cria dramas, toma porre, chora nos ombros. O conselho se reúne e resolve: se amarrou no poeta, tudo bem, pode comer, mas largar o cafetão jamais! Depois descobri que a China não era china coisa nenhuma, era índia das amazonas, sangue puro, sem mestiçagem, wanana, tucano ou cambeba, não me lembro. Isso rendeu um poema, que não aonde anda: A China da Rua Taylor, começava assim: "A China da Rua Taylor não era china, era índia/da tribo dos tapanhumas..." (influência de Mário de Andrade).

Bom, isso é apenas uma amostra. Depois teve a fase boêmia da Zona Sul, Copacabana, Ipanema, Baixo Gávea, Joá e uma Barra que ainda era um imenso pantanal... Então, primo, maranhense de Rio Tinto é que nem camaleão: troca de couro de acordo com o ambiente. Tu mesmo és um exemplo cabal dessa qualidade mutante que temos. E agora? Escreve aí...



Quincas, bom dia!

Esta vai longa, pra ler em dia cinzento, de chuvisco que não acaba nunca...

Obrigado pelo *bacalao*. Confesso que não sou dos melhores apreciadores desse acepipe, mas as lâminas estavam ao ponto. Meus amigos debocham quando digo que não sou fã do bacalhau, mas minha cisma é com as fibras que certas preparações deixam. Alguns pratos do bacalhau, tem pedaços que a gente mastiga, mastiga e fica um punhado de fibra na boca que dá vontade de cuspir fora.

Quem sabe foi assim que os lusos inventaram o bolinho de bacalhau? Vendo que não conseguiriam digerir aquela bola de fibras, cuspiam-nas ao prato e as marias, tão zelosas na economia da casa, pegavam aquelas bolotas, misturavam-nas com batata, botavam algumas ervas aromáticas e então era só fritá-las no bom azeite virgem. Quando chegavam os amigos do homem, lá ia o prato de bolotas para acompanhar o binho! Tá vendo? Ao começo da fala nem eu mesmo pensei em chegar às raízes da invenção do bolinho de bacalhau. Fica o registro!

Mas o que gostei mesmo foi saber que a prima está ótima. Ao ver que ela repetia as mesmas coisas, só pra te chatear e que tu resmungavas como sempre, deduzi: Graças a Deus a prima tá boa... e botou o Quincas nos eixos. Penso que ela foi a pessoa melhor que atravessou a tua vida. Pelo que resultou o teu casamento, não tens do que reclamar. Foi mulher parideira, te deu boa prole (lembra dona Mizica que de onze barrigadas teve oito filhos e gorou três! – que saúde tem essas mulheres, né Quincas?).

Pois ela te deu amor, administrou a tua casa, educou os filhos com sabedoria, mão de ferro e *unha de vaca* – zelou pelos bens do casal com sensatez e rigor, defendendo o que é de vocês com a mesma

garra com que a galinha choca cuida dos pintinhos. Nenhum economista faria melhor. E até hoje, esse “aturar” um ao outro, rapaz, no fundo me deixa de bom humor, porque a minha índole não é desse proceder – quando vejo um casal de velhinhos passeando de mãos dadas, vejo a mim mesmo como reflexo, um invés: andando sozinho, porque não cultivo a mesma ideia, virei bicho do mato, arredio, elefante destinado a morrer só.



Quincas, bom dia!

Só hoje li sobre a citação do Saramago que queres botar no teu livro. Para um livro genérico de crônicas está bem, mas se for seguir com o livro ‘Gente’ (que acho excelente ideia), poderias escolher algo mais condizente. E observa bem que a citação está em ‘lusitano’ – não em ‘brasileiro’...

Sem ser contra a cita, sou cismado com Saramago, com a teimosia dele em aqui exigir seus livros com o texto lusitano original. Ora, bem sabes que não falamos aquela língua (mais a falam os luso-africanos). Resulta que Saramago fez moda (sai mais barato para os editores, desemprega revisores), e estamos cheios de textos lusitanos, alguns indicados para escolas de ensino médio! A pessoa culta lê, mas o povinho, não. Ademais, a recíproca não é verdadeira: lá os autores brasileiros são ‘traduzidos’ para o lusitano.

Sobre citações em livro, João Ubaldo Ribeiro conta: – “Quando estava escrevendo “Viva o povo brasileiro!”, imitando um autor estrangeiro que tinha lido recém, resolvi botar citação abrindo cada capítulo. Glauber Rocha foi me visitar e leu os originais. O único comentário dele foi: – O livro está ótimo, mas tira essas merdas de citações daí! Não preciso dizer que me senti feliz em

seguir o conselho. Nunca mais usei citações alheias, quando quero citar, uso as minhas."



Quincas, bom dia!

Notícia que te repasso, como bebedor de cerveja que és: **“Cerveja nacional tem muito milho, diz pesquisa da USP** – Grandes marcas do país chegariam perto de usar 50% do grão no lugar da cevada para produzir a bebida. Indústria questiona a metodologia do estudo; para especialistas, pouca cevada faz o produto cair em qualidade. (Reinaldo José Lopes-Editor de “Ciência+Saúde”). Uma das análises químicas mais completas já feitas com marcas de cerveja do Brasil e do exterior dá peso a uma tendência que estudos menores já indicavam: as grandes marcas nacionais têm elevadas quantidades de milho em sua composição, embora a matéria-prima tradicional da bebida seja a cevada.

São os nomes mais conhecidos do público, como Antarctica, Brahma, Skol e Nova Schin. A análise sugere que essas marcas estão no limite da porcentagem de milho como matéria-prima para cerveja que a legislação nacional determina (45%) ou podem até tê-lo ultrapassado.

As empresas produtoras questionaram a análise. Por outro lado, o estudo indicou que algumas cervejas em pequena escala possuem o teor que se esperaria de uma bebida feita só com água, cevada e lúpulo, como reza a tradição alemã.

A pesquisa é assinada por cientistas do Centro de Energia Nuclear na Agricultura, da USP de Piracicaba e da Unicamp. O grupo piracicabano, coordenado por Luiz Antonio Martinelli, já estudou cervejas antes, além de verificar a presença de álcool de cana no vinho nacional.”

Por fim Quincas, brindo-te com uma cerveja de milho em gratidão pela força que me dás, fingindo que está me remunerando por algo, sabendo que só por ler teus trabalhos, aprender, arrumando-os e revisando alguns detalhes de somenos – já é paga de muito valor. Gracias, primo.



Quincas, bom dia!

Acabo de fazer um inventário das obras de Stefan Zweig que tenho. Isso foi bom porque guardo o rol entre meus alfarrábios. Te mando o resumo da lista pra ver se queres algum. O número entre parênteses significa que tenho mais de um exemplar. A maioria dos volumes data da época do lançamento, década de 1940. Acho que o Stefan Zweig foi o primeiro autor estrangeiro a ter lançado seus livros no Brasil simultaneamente com a Europa, graças ao trabalho magnífico do editor Abraão Koogan (ou Waissman Koogan ou Editora Guanabara). Era com orgulho que Zweig contava aos amigos que era um ‘best-seller’ no Brasil. Considero que isso foi uma dos elementos fundamentais para Zweig escolher morar aqui.

Em 1936 ele passou de raspão por São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, roteiro dos navios que regressavam à Europa. Nesse momento o que mais o admirou foi a miscigenação que havia, um verdadeiro paraíso antirracial para quem só via repressão e perseguição. Como te falei, esses livros estavam guardados para doar à Casa Stefan Zweig em Petrópolis, obra desse incansável Alberto Dines. Mas a coisa gorou porque nunca mais fui a Petrópolis, sei que o centro cultural foi inaugurado lá mesmo na casa onde Zweig morou, não sei, enfim se vale a pena. Ainda mais corro o risco de chegar lá com essa velharia e ter a minha oferta recusada, o que significa voltar com a tralha nas mãos. Sei lá. Olha a listagem (não segui ordem cronológica):

- O mundo que eu vi (Minhas memórias) - 1944
- As três paixões - Três contos: A partida de xadrez (#), Dívida tardiamente paga e Seria ele? - 1942
- Brasil, País do futuro - 1941 (2 vols.)
- Os construtores do mundo - Balzac, Dickens, Dostoievski, Holderlin, Kleist e Nietzsche - 1942
- Caleidoscópio - Contos e artigos - s/d
- A cura pelo espírito - Mesmer, Mary Baker-Eddy e Freud - s/d
- Joseph Fouché - 1934 (em francês)
- Joseph Fouché - 1939/1942 (2 vols.)
- O momento supremo - Oito miniaturas históricas: A morte de Cícero; Nuñez de Balboa descobre o pacífico; A marsehesa; O cabo submarino de Cyrus Field; Lênin deixa Zurich; O cordeiro do pobre; O sublime peregrino - 1942
- Três poetas de sua vida - Casanova, Stendhal e Tolstoi - 1938
- As 100 Obras Primas da Literatura Universal – Duas novelas: Ocaso de um coração; Uma noite fantástica - s/d
- Américo Vespúcio - 1946 (em espanhol)
- Fernão de Magalhães - História da primeira circunavegação - s/d
- A corrente - Sete novelas - s/d (2 vols.)
- Uma consciência contra a violência (Castellio contra Calvino) - 1942/1944 (2 vols.)
- Encontro com homens, livros e países – Artigos, palestras, ensaios, homenagens - 1939 (*)

(*) Deste volume consta “Pequena viagem ao Brasil” de 1936. Os detratores de “Brasil, país do futuro”, de 1942 – que à época denunciaram troca de favores entre Zweig e Getúlio Vargas, para obtenção do visto permanente, nacionalidade, etc. – decerto desconheciam esse texto, escrito quando Zweig retornava à Europa, vindo de Buenos Aires. Fizeram vista grossa também do:

“Motto: Un pays nouveau, un port magnifique, l'éloignement de la mesquine Europe. Un nouvel horizon politique, une terre d'avenir et un passe presque inconnue qui invite l'homme d'étude à des

recherches, une nature splendide et Le contact avec des idées exotiques nouvelles”.

Esse depoimento dado pelo austriaco Prokesch Ostenu à Gobineau em 1868, consta da edição brasileira de 1941. Bem ali está a expressão *une terre d’avenir* ou seja, o “país do futuro” que Zweig usou como subtítulo.

Para mim, com este livro Zweig apontava uma alternativa aos judeus que fugiam da Europa. Não foi à toa que Zweig citou aspectos econômicos, observou que havia milhares de quilômetros de terra a explorar “onde nenhum homem havia pisado”, e muitos etceteras. Mostrei isso a Alberto Dines, mas ele discordou porque não tinha evidências. Mas eu sei que o Dines é metódico, não é um ficcionista, porém tinha conhecimento que Zweig esteve em vários lugares usando nome falso, sondando a possibilidade de obter terra para os judeus. Assim anônimo chegou a Portugal, porque além da Palestina (uma terra desértica que nenhum civilizado queria ir), Angola estava na mira. Mas com quem esbarrou? Salazar. Esteve aqui e viu que o país era independente de Lisboa...

= Em 1936 a Argentina se transformou no centro da América Latina, pois comemorava o IV Centenário da primeira fundação de Buenos Aires. O primitivo vilarejo, fundado em 1536, foi abandonado, incendiado e refundado na atual capital da Argentina, depois que se constatou a fragilidade do local aos ataques dos inimigos. O mundo todo se voltou para essa festividade que o Governo argentino promovia em Buenos Aires. O famoso Teatro Colón foi inaugurado, vieram trupes de ópera, balé, orquestras internacionais, grandes cantores líricos, maestros, atores, etc. O Pen Club também entrou na festa formando um grupo de escritores famosos na época, entre os quais estava Stefan Zweig e também Emil Ludwig, famoso biógrafo de Beethoven, Napoleão, etc., amigo de Zeiwg. A propósito, contam a história que o General não sei lá das quantas, que participava do Governo

argentino, pediu a Zweig que escrevesse a biografia do herói da independência - acho que San Martín, não sei exato. Pois o Zweig recusou educadamente e indicou o seu colega Emil Ludwig como o mais indicado a fazê-lo. Não sei se a biografia foi escrita, mas já mostra que Zweig era refratário a tais pedidos...

(#) A partida de xadrez (Schachnovelle) é considerado o último texto composto e revisado por Zweig e o único escrito totalmente no Brasil. Para mim é também um texto em que Zweig bota pra fora toda a influência que as teorias do seu mestre Freud tinha em seus escritos. Este é o texto mais psicológico que Zweig escreveu, inclusive pela temática, já que o jogo de xadrez tem também muita psicologia. Mas entra também alguns zumbidos dos crimes e mazelas cometidos nos campos de concentração - que viriam depois. E por fim o terror que é a tortura psicológica, sem porrada.

= Os volumes marcados “s/d” mostram que a malandragem dos editores em esconder a data é coisa antiga, pensando não deixar o volume ‘envelhecer’ nas prateleiras. De fato isso é apenas de efeito psicológico, ao leitor que quer comprar livro ‘novo’, né? Não vale pra nós, fuçadores de livrarias e sebos. Aliás, você não se deu nenhum tempo pra ver os sebos do Rio... Tá perdendo o tesão, Quincas?

Deixa ver o que me recordo ainda de tanta leitura, passado muito tempo:

“Os construtores do mundo” - interpretação sob viés não ortodoxo das obras e da vida de Balzac, da vida trágica de Kleist, morto tão jovem, de Nietzsche e a paixão pela poesia de Holderlin;

“Fouché” - um ensinamento detalhado de como fazer política, de como ser sombra;

“O momento supremo” – Contém os textos “A morte de Cícero”, “A Marselhesa” e “Lênin deixa Zurich”, que são emocionantes;

“Três poetas de sua vida - Casanova, Stendhal e Tolstoi”, apesar desse título hoje soar estranho, para Zweig o viver a literatura, o ser literato, ser escritor, subentende também ser poeta e, logo, artista; todos os três ensaios são magníficos;

“As 100 Obras Primas” (Coleção) - Junta num só volume as duas novelas mais cinematográficas do autor (apesar de ter Zweig recusado toda tentativa de transformar seus livros em filme): “Ocaso de um coração” e “Uma noite fantástica”;

“Américo Vespúcio” - bom; discute o porquê de a América ter sido batizada com esse nome se foi Colombo quem pisou naquelas terras;

“Fernão de Magalhães” - Ótimo! Digno de um Jules Verne.

“Uma consciência contra a violência - Castellio contra Calvino”: esse você vai gostar, pois é o texto mais humanista (no sentido universal) de Zweig, que confirma a posição do escritor diante de todas as críticas que recebeu dos judeus, condenando a falta de dedicação a ‘seu’ povo, a omissão em defesa da causa judaica e do semitismo, radicalismo que o escritor jamais abraçou.



Quincas, bom dia!

Tem um assunto que eu estava querendo te falar, mas quando pego o PC começo a fazer uma porrada de coisas, acabo esquecendo. Mas agora vai, vou direto só tratar disso. Estava fazendo aquela arrumação do volume “Gente” quando peguei um arquivo teu sobre um amigo, na intenção de que fosse crônica. Mas não era, era uma carta tua que – vixe! – desancou o coitado de alto a baixo. Rapaz,

tu pegou pesado mesmo. Nunca vi um monte de epítetos assim juntados numa só folha! E com classe, diga-se em louvor. Vai pro Guinness book, com certeza. Se a memória não falha, o fato se deu por causa de querela acadêmica, quebra de confiança, coisas dessas, que não interessa. Mas, fiquei chateado porque a briga foi feia, foi briga de amigos. Aí eu disse cá comigo: será que o Quincas se perdeu, deixou-se levar pela incoerência, esqueceu-se de histórias passadas – clássicas – que versam sobre o mesmo tema?

Ora Quincas, convenhamos, de que vivem as academias, os grêmios literários, senão de ocorrências, de fofocas? Inda mais você, do pouco que sei, sempre transou assuntos tais com altura e llaneza (como dizem os porteños). Afinal, fato histórico-literário, qual o tema de *Les liaisons dangereuses* e outras tantas obras e histórias mais? Sabe por que te falo isso? Eu com amigos não deixo me levar por ondas do tipo, aliás, nenhuma! Briga com amizade sempre trato como os porres que tomava: no dia seguinte tudo estava esquecido. Ora, claro, as merdas feitas não tem como desfazer, né? Então, fechava os olhos e jogava tudo no baú do esquecimento. Virou folclore.

Te conto uma: outro dia passou um curta metragem narrando um pedaço da vida de José Lewgoy. Contou ele que certa vez, trabalhando na TV Globo, ele – ator consagrado, com muita estrada – foi destratado por desses ‘diretores’ que, por ser jovem, é sabe-tudo. Quando saía da TV, debaixo de irritação natural, bateu com o fusquinha. Nada grave, mas quebrou os quartos, nunca mais se recuperou. Como sempre fazia, resolveu convalescer no interior, na sua terra, Veranópolis, RS, em casa de parentes. Lá tomou do sobrinho-neto um casaco emprestado e foi ficando com a roupa. Já se preparando para viajar de volta ao Rio de Janeiro, nada de devolver o casaco, os parentes preocupados com isso. Não o sobrinho-neto, amigo e companheiro, mas o pai dele (sobrinho do Lewgoy), insistia que fosse cobrada a devolução da roupa, o que só foi feito à porta de saída. Lewgoy ficou puto: – Me cobrando um

casaco!? Onde já se viu! Me acusando de roubar! – E foi embora sem se despedir nem nada. Enfim, brigaram todos, os sobrinhos-netos chateados porque o ‘tio’ era um cara legal.

Bom, passado tempo, de novo em Veranópolis, batem na porta e quem os parentes vêm? José Lewgoy, bengala na mão, braços abertos, sorridente, abancou-se, passou boas férias, gozou a presença dos sobrinhos, depois voltou ao Rio de Janeiro para morrer. Reconciliou-se sem dar um pio sobre o assunto do casaco! A família ficou espantada: nem uma palavra, nem um comentário, nada, como se não tivesse acontecido *niente*. Diante da câmara eles se admiravam disso – como se fosse coisa de grande importância! Não era... a grandeza do ator, do ser humano, era maior que tudo. José Lewgoy morreu e quando lá foram fazer o tal documentário o que se viu é que a turma de Veranópolis, gente tacanha, nada sabia sobre o perdão. Diante da câmara se mostraram assim, como que envergonhados, constrangidos. Somente os sobrinhos-netos – paparicados pelo tio-avô desde crianças – voltaram ao passado e relembrando o fato deixaram lágrimas sinceras.

Mesmo post-mortem, José Lewgoy, através do documentário, se fez presente para apaziguar a alma dos seus parentes, ainda estremecida anos e anos, por um fato corriqueiro ao qual deram a grandeza de ouro dos tolos. Ora, primo, se tu és amigo do BBB – eu acredito que sim – o que tens de fazer é largar isso de lado, desfazer o malentendido(*), pode até repetir o gesto do Lewgoy: chega assim, tipo *no pasó nada*, abre os braços e pronto – tá resolvido! É o que te digo: uma fofoca (e as Academias não vivem sem), uma quebra de confiança, às vezes irresistível, essas coisas tolas, mesmo que provoque a guerra mundial, não desmancha nunca jamais uma amizade. Já sabendo que estarás de bem com o amigo, te abraça o primo Saloca.

(*) Um dia falei a tio Murilo ‘maleducado’ e ele logo em seguida corrigiu: mal (espaço) educado – mas essa contração é fala nossa,

do MA, né? Dizemos: maleducado, malagradecido, malentendido, malafamado – será reminiscência ítala ou galega?

PS1: Te falei da briga com o BBB sem nenhum sentimento de estar me metendo em assunto que não é da minha conta, agindo, portanto, como um *anjo reconciliador*... rá, rá.

PS2: Mexendo a papelada amarelada pelo tempo encontrei uma curta entrevista que fiz com o José Lewgoy. Se mal recordo foi encontro rápido, entreato de evento, lançamento de livro, vernissage, algo assim. José Lewgoy não me pareceu de modo algum o mal humorado que tinha como fama. Tempo que andei metido com o pessoal de jornal, teatro, cinema, etc., me fazendo de freelance pro Correio da Manhã, Última Hora, Rádio Guanabara, Opinião, Jornal do País, Jornal de Debates, além de outros jornais, tudo texto sem assinar, nem ganhar \$\$, necas de nada. Certo dia Ahmed Aziz, que dirigia os espólios do Correio da Manhã e do Última Hora, fez a minha pauta: “Salomão, você vai cobrir o Carnaval.” Eis o dia em que abdiquei do jornalismo heroico – não iria de modo algum perder o Carnaval trabalhando. E também: vou morrer sem descobrir de onde me veio esse DNA de ‘falsa bondade’, ‘falsa generosidade’ (só pode ser coisa do Ghandi, né Quincas?).



Quincas, bom dia!

Você percebeu que ando de mau humor. Só te mandei um bilhetinho com os e-books. Também foi a primeira vez que findei um trabalho insatisfeito. Geralmente quando acabo de fazer algo, fico aliviado, meio feliz por parir mais um lixo reciclável. Neste caso não, não estou ligando a mínima para o feito! O humor só melhorou quando, folheando um livro de Hermann Hesse, dei

com a crônica “Fazendo as malas” e o pensamento foi direto pra você, que deve ter repetido o gesto centenas de vezes.

“Mais uma vez – Deus sabe quantas vezes já fiz isso – me ajoelho no meu quartinho de hotel diante da mala aberta, entre todas as coisas que terão de caber nela, indeciso e antecipadamente aborrecido com esse trabalho incômodo. As coisas nunca dão certo. Sempre quando a mala foi arrumada e despachada, aparece alguma gaveta cheia de roupa usada, um pijama, um montinho de livros e algo assim, que se descobre no último momento antes da partida. (...) Oh, boa mala, quantas vezes te enchi e esvaziei, em quantas estações de trem, em quantos carros e navios carregaste minhas posses atrás de mim! Certa vez te comprei na viagem para a Índia, tinhas o nome elegante de mala-de-cabine, e estavas repleta de coisas novas e belas, camisas coloridas, um novo smoking, coisas que entrementes se tornaram velhas e gastas, e uma a uma foram me abandonando”.

E por aí vai a crônica, coisa que bem poderias assinar embaixo como tua – feitas as adaptações – eis que também és um eterno desarrumador de malas, né?

Hermann Hesse foi (ainda é) uma maravilha de escritor, esse alemão/suíço, quando bem traduzido faz tremer os corações dos leitores. Acho que até mal traduzido, assim mesmo, o Hesse será bom. O volume que leio teve a assinatura da escritora Lya Luft na versão, garantia de coisa boa. Hesse teve forte influência da cultura indo, zen, etc., mas soube se recompor e assim se tornar ferrenho pacifista, humanista, autor universal, enfim. Ainda pintava, desenhava e poetava – sempre viveu do escrever e de palestras. Mais adiante tem outra crônica “A máquina de escrever”, como deves imaginar gostosíssima, mas não dá pra nem tirar uns parágrafos sem desmontá-la, sem perder a graça. Ahrs,



Quincas, bom dia!

Mais tarde, quando o mau humor passar de vez, vou reunir aquelas notas curtas, que um dia te mandei, pra ver no que dá. Ah, me lembrei de outra coisa: sabe que costumo juntar na última página tudo que escrevi, como volume, mas rapaz, nem imaginas, me vi perdido – tem coisa que escrevi e não aparece e tem coisa que *acho* que escrevi, mas não tenho certeza, sumiu ou ficou apenas o projeto na cabeça. Deve ser Alzheimer ou Parkinson – ou os dois juntos! É só. Um abraço, Saloca.



Finis

Rio de Janeiro, Cachambi, fevereiro de 2014

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos/políticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte-1982; Folguedos, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1983; Erótica, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1984; 7 Canções-1987.

e-books de Salomão Rovedo:

Novelas: A Ilha, Chiara, Gardênia ; Contos: A apaixonada de Beethoven, A estrela ambulante , Arte de criar periquitos, O breve reinado das donzelas , O sonhador, Sonja Sonrisal; Ensaios: 3 x Gullar, Leituras & escrituras, O cometa e os cantadores / Orígenes Lessa personagem de cordel, Poesia de cordel: o poeta é sua essência, Quilombo, um auto de sangue, Viagem em torno de Cervantes; Poesia: 20 Poemas pornos, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks matutos, 7 Canções, Amaricanto, Amor a São Luís e Ódio, Anjo pornô, Bluesia, Caderno elementar, Erótica (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Espelho de Vênus, Glosas Escabrosas (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Mel, Pobres cantares, Porca elegia, Sentimental, Suíte Picasso; Crônicas: Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo, Diários do facebook, Escritos mofados; Antologias: Cancioneiro de Upsala (Tradução e notas), Meu caderno de Sylvia Plath (Cortes e recortes), Os sonetos de Abgar Renault (Antologia e ensaios), Stefan Zweig - Pensamentos e perfis (Seleção e ensaios).

e-books de Sá de João Pessoa: Antologia de Cordel # 1, Antologia de Cordel # 2, Antologia de Cordel # 3, Antologia de Cordel # 4, Macunaíma em cordel, Por onde andou o cordel?.

Inéditos: Geleia de rosas para Hitler (Novela), Stefan Zweig-A vida repartida (Ensaio).

Etc.: Folhetos de cordel com o pseudo Sá de João Pessoa; jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaboração esparsa: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), Jornal Pequeno (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas. Os e-books estão disponíveis em: www.dominiopublico.gov.br. End: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi - CEP 20785-000-Rio de Janeiro, Brasil - Tel: 21 2201-2604 – email: rovedod10@hotmail.com, rovedod10@yahoo.com.br, rovedod10@gmail.com. blog: salomaorovedo.blospot.com.br.



Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> - Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.